Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/memoriahistorica00cast_1

FERNANDO CASTIÇO

# MEMORIA
# HISTORICA

DO

## SANCTUARIO DO BOM JESUS DO MONTE

## SUBURBIOS DE BRAGA

POR

Occasião do Centenario do lançamento da primeira pedra nos alicerces do templo actual.

BRAGA
TYPOGRAPHIA CAMÕES
CAMPO DE SANCT'ANNA

MDCCCLXXXIV

FERNANDO CASTIÇO

# MEMORIA
# HISTORICA

DO

## SANCTUARIO DO BOM JESUS DO MONTE

## SUBURBIOS DE BRAGA

POR

Occasião do Centenario do lançamento da primeira pedra nos alicerces do templo actual.

BRAGA
TYPOGRAPHIA CAMÕES
CAMPO DE SANCT'ANNA

MDCCCLXXXIV

Scribantur hæc in generatione altera : et populus, qui creabitur laudabit Dominum.

David., Psal.: 101 vers.: 19.

AO

EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

**D. Antonio José de Freitas Honorato**

ARCEBISPO DE BRAGA, PRIMAZ DAS HESPANHAS

PRESIDENTE

DA

**GRANDE COMMISSÃO PROMOTORA DO CENTENARIO**

*O. D. C.*

RESPEITOSAMENTE

Fernando Castiço

**Ex.mo e Rev.mo Senhor:**

*Ordenou-me V. Exc.a que escrevesse esta* **Memoria historica**, *e eu obedeci.*

*Enganou-se V. Exc.a comigo, julgando-me, por sua bondade, habil para o intento; e enganei-me eu com o assumpto suppondo-o, por deficiencia minha, de menor monta.*

*Obedecendo, cumpri o meu dever: escrevendo-a, fiquei muito aquem d'elle.*

*A V. Exc.a pertence, e aos pés de V. Exc.a a deponho — mais como tributo do meu coração e do meu reconhecimento do*

das contradicções dos homens e dos lances da fortuna, no mais sumptuoso e privilegiado Sanctuario do reino, e n'um dos monumentos de piedade christã mais notaveis da peninsula iberica?

Quem arvorára essa cruz, padrão outr'ora de ignominia, de desprezo e morte, e ha dezenove seculos fonte de vida, e thesouro d'esperanças?

Nem a historia o escreveu, nem a tradição o conservou.

Quantos annos esteve esse symbolo augusto do christianismo no meio d'aquella solidão cerrada, com os braços abertos e estendidos para os dous pólos, exposto aos raios do ceu, aos açoites dos vendavaes e ás injurias do tempo?

Ninguem o sabe.

Um homem houve de piedoso sentir, d'alma cheia de paz, de fé e de poesia, que um dia subindo a fêsto aquella montanha agreste, no mais alto d'ella, na clareira de duas arvores, ou sobre a aresta d'alcantilado rochedo, levantára o signal que sanctificára a terra, creára a esperança, mudára a face do mundo, e consubstanciára uma religião inteira. . . Mas sobre o nome d'esse homem, como mais tarde sobre a

sua memoria, caiu para sempre o pesado e perpetuo esquecimento dos homens.

Algum parocho, talvez, d'alma christã e consciencia pura, ali a arvorára no occaso da vida, quando o espirito se eleva para o ceu e o corpo se dobra sobre a terra para, á sombra d'essa cruz e aos pés d'ella, meditar no mysterioso poema da paixão do Redemptor; e, como os monges da edade media, no silencio profundo da natureza, mais perto de Deus e mais longe dos homens, desilludido do mundo e sequioso de esperança celeste, beber a haustos largos, na fonte limpida dos Evangelhos, o balsamo consolador da fé.

Ali, ao cair da noite, na estação melancolica do outomno, quando as alegrias da natureza caminham tambem para o seu termo para reviverem mais tarde, ao invez das illusões e alegrias humanas que passam e morrem para nunca mais voltarem; ali, no meio d'aquella solidão serena e amiga, cortada apenas pelo canto da ave que se despede do dia, e pelo ciciar da folhagem amarellecida que se despega da arvore aos beijos da viração; ali, n'aquella hora em que dos casaes da aldeia começa a sair pelos tectos nús o fumo do lar, alas-

trando-se por varzeas e outeiros até erguer-se em brandas ondulações e azuladas espiraes, como immensos thuribulos incensando o vasto templo da natureza... é então que o espirito do homem sem remorsos, sem odios e sem ambições, parece comprehender e antegosar as venturas de uma felicidade eterna.

E que esplendido e magestoso quadro o desenrolado ante seus olhos!

Em roda da cruz as arvores meio despidas de folhas, levantando para as nuvens os braços quasi nús como esqueletos mal cobertos dos farrapos da mortalha. Em baixo extensas campinas verdes e floridas. Mais longe a velha cidade romano-christã atalayada pelas suas sete formidaveis torres de guerra, e apertada no cinto de muralhas com que a rodearam os reis Fernando e Diniz; e por cima dos outeiros e das montanhas, lá muito ao longe, os ultimos raios d'um sol amortecido, afundando-se no oceano por onde dentro em pouco deviam singrar, com a cruz no tópe dos mastros, em demanda de novas regiões, os navios de Bartholomeu Dias, e proejar á ventura os alterosos galeões de Vasco da Gama, para as

remotas e desconhecidas plagas do maravilhoso Oriente.

Mais alguns annos volvidos, e a imagem d'aquella cruz humilde aberta nos punhos das espadas dos nossos soldados, lavrada nas bandeiras dos nossos galeões, escripta no coração dos nossos missionarios, conquistava novos reinos e novos imperios para o christianismo e para a civilisação; e tornava este pequeno povo do Occidente, que á sombra d'ella se constituíra, a nação mais respeitada e mais venturosa da terra.

# PRIMEIRA ERMIDA

## D. Jorge o cardeal e D. Jorge o arcebispo

### 1493-1498

Não tem apparecido até hoje—que nos conste—documento algum mais ou menos authentico, que leve a fixar no anno de 1494 a construcção da ermida, que primeiro alvejára entre a folhagem dos bosques

do monte de *Espinho,* ou da *Cruz,* como já então lhe chamavam os pastores e os povos visinhos. Parece-nos com tudo que realmente n'esse anno, ou nos proximos seguintes, a mandára edificar o arcebispo e senhor de Braga, D. Jorge da Costa, o segundo do nome.

Durou o seu pontificado desde os annos de 1488 a 1501: passou porém d'estes bastantes afastado da diocese, e fóra do reino.

As celebradas festas da côrte de D. João II em Evora, por occasião do casamento de seu filho D. Affonso, herdeiro do throno, com Isabel de Castella — festas a que concorreram com todo o esplendor os grandes e ricos-homens do reino, e para as quaes fôra expressamente convidado o arcebispo; e logo depois, mal passados sete mezes, as transformações d'essas festas e alegrias em tristezas profundas e luctos pesados, pela desastrada morte do mesmo principe em Santarem; trouxeram D. Jorge da Costa distante da sua egreja até meados de 1492.

N'aquella inesperada desgraça confirmaram-se mais uma vez os profeticos versos de Garcia de Resende, na *Miscela-*

*nea,* como ainda mais tarde se reconfirmaram :

« Portuguezes, Castelhanos,
« Não os quer Deus juntos ver».

Elle — que fôra escolhido pelo rei, entre outros prelados portuguezes, para unir perante a egreja os corações dos jovens principes, e abençoal-os em nome de Deus, teve a breve trecho a funebre missão de acompanhar á fronteira do reino, envolta nos crepes de prematura viuvez, aquella que pouco antes entrára n'elle como noiva, radiante de mocidade, de formosura e de esperança.

Os ultimos annos de seu pontificado e de sua vida passára-os D. Jorge em Roma, aonde o chamava seu poderoso irmão o Cardeal d'*Alpedrinha,* movido do desejo de lhe obter do celebre pontifice Alexandre VI, com quem privava intimamente, o capello cardinalicio; o que não chegou a realisar-se porque a morte, antepondo-se em 30 d'agosto de 1501 á desejada grandeza, lhe trocára a purpura em mortalha; e cortando-lhe o fio da vida com ella lhe cortára as tão auspiciadas aspirações.

É pois evidente, que só entre 1493 e 1498 é que D. Jorge da Costa, movido de piedade e attrahido pela belleza do logar, pela sombra das mattas e pela grande altura do monte de Espinho, ali mandára construir, voltada para a sua cidade, a pequena ermida que se ficou chamando da Santa Cruz, por que n'ella, sobre o altar, collocára o arcebispo o symbolo augusto da religião christã.

A D. Jorge da Costa succedeu seu irmão do mesmo nome, o Cardeal de Lisboa, mais conhecido pelo Cardeal d'*Alpedrinha*. Diremos melhor: tornou este, sem sair de Roma, a tomar conta e posse do arcebispado que resignára em seu irmão, para, passados quatro annos (1505), o resignar de novo em D. Diogo de Souza, com a reserva de quatro mil cruzados annuaes: não tendo durante sete annos que fôra primaz, e pastor, visitado uma unica vez a sua egreja, nem visto uma só ovelha do seu rebanho.

Deu-se o caso, sem segundo na historia dos bispos e arcebispos de Braga, de haver um que fosse antecessor e successor, assumindo duas vezes e renunciando outras tantas, de longe, a prelazia de maio-

res responsabilidades, de maiores rendimentos, e de maiores privilegios da egreja portugueza.

Da capital do mundo catholico vigiava o cardeal a sua vastissima diocese. Longe dos seus Coutos e da sua Braga, onde além de todas as isenções como arcebispo, possuia como senhor d'ella toda a jurisdicção civil sem dependencia dos tribunaes d'El-rei; onde as suas justiças dirimiam sem appellação todas as contendas e demandas de seus subditos; onde os seus padres desembargadores conheciam das causas crimes e condemnavam á morte em primeira instancia (1); elle, não errante, não perseguido como outros prelados bracarenses em tempos d'invasões de mouros, mas tranquillo e em paz, accumulava junto do solio pontificio honras sobre honras, mitras sobre mitras, rendas sobre rendas.

Nos annaes do primado das Hespanhas, em tempo do Cardeal, não encontramos vestigios que recommendem a sua memoria gratamente á posteridade. Escreve o author da *Historia dos arcebispos de Braga,* que no archivo e no thesouro da Sé ha documentos de sua piedade, e provas de sua generosidade; e cita uma

carta feita em Roma, em 13 de junho de 1502, dirigida aos protonotarios bracarenses, em que lhes manda passem titulo de prazo e aforamento de alguns casaes, e do Campo da Vinha de Santa Eufemia (hoje campo de D. Luiz I), a favor de Affonso da Costa, alcaide mór da cidade, seu parente, e *pessoa* (diz a carta) *a que somos muito em grande obrigação* (11).

E comtudo é verdadeiramente notavel a influencia e o poderio que este homem extraordinario logrou e exerceu em Roma, em proveito seu, da sua familia, da sua patria e dos seus amigos, durante os ultimos trinta annos de sua larga e afortunada existencia.

Receando-se dos raptos do genio duro e impetuoso d'aquelle que na historia havia de chamar-se um dia *Principe Perfeito;* ritinindo-lhe no ouvido e coando-se-lhe no coração as palavras que lhe víra proferir na ponte d'Alpiarça; e tendo sempre diante dos olhos, repiqueteando sobre a superficie do Tejo, aquella pedra symbolica que o principe atirára; apressou-se em conjurar o perigo saindo do reino, recommendado pelo rei cujo espirito dominava; e com o pretexto d'ir á Curia tratar nego-

cios da Corôa, entrou na cidade eterna (1479), onde a sua estrella propicia devia fulgurar, e fulgurou com o brilho de verdadeiro e esplendoroso astro.

Muito versado nas lettras divinas e humanas, orador erudito e eloquente, diplomata habil e principalmente politico profundo, por tal arte soubera insinuar-se, que teve junto do solio, como tivera junto do throno, um valimento singularmente excepcional e unico. A elle, que podéra ter assumido o summo pontificado, deveu Alexandre VI a thiára, como antes lh'a devêra Innocencio VIII: e de Julio II, o pontifice guerreiro, que para defeza de Roma confiava mais na espada de S. Paulo do que nas chaves de S. Pedro, foi o cardeal d'*Alpedrinha* o mais intimo, certo, dedicado, e favorecido amigo.

As honras e distincções de todo o genero de que se víra revestido, as rendas fabulosas de que se víra senhor, devidas umas e outras á generosidade de reis e de cinco pontifices, elevaram D. Jorge da Costa ao fastigio do poder, e ao fastigio das riquezas.

Foi arbitro no reino com Affonso V, foi arbitro da egreja com Julio II.

Recebia ao mesmo tempo e conjunctamente os rendimentos de dous arcebispados, cinco bispados, treze abbadias, dez priorados, e oito deados; além d'outros grandes beneficios em Roma, Veneza e Navarra, e ainda muitos outros no reino. (III) Um escriptor grave do seculo XVII diz candidamente, que assim o soffria aquella edade, e que ninguem se oppunha a esta accumulação de honras e ouro, «antes todos folgavam em o terem por prelado, pelo que despendia em esmolas e presentes com as egrejas, e pelo modo com que as enriquecia com isenções e privilegios que obtinha em Roma».

Ácerca do nascimento e fama d'este homem, que tamanha influencia e preponderancia teve no seu tempo nos negocios mais importantes da egreja e do estado, dentro e fóra do reino, variam singularmente as opiniões dos escriptores; e encontram-se de tal modo que difficilmente se poderá jámais apurar a verdade inteïra. Diz Damião de Goes que nascêra de «gente mui baixa e pobre»; escreve o bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo «que seus paes eram pobres e pessoas do povo»; e diz o P. Francisco de Santa Ma-

ria que «eram de duvidosa nobreza». A estes oppõe-se D. Rodrigo da Cunha, affirmando que os paes de D. Jorge da Costa eram «ricos e nobres».

Houve até um pobre e ingenuo monge de Cister, que teve a rara habilidade de descobrir no seculo XV sangue real nas veias de Maria da Costa, mãe do eximio cardeal. Dizia o frade, que ella vinha a ser descendente do rei Costa que vivêra no seculo III, e fôra pae de Santa Catharina, natural da cidade d'Alexandria! E ainda dizia o erudito genealogico que, por gratidão e parentesco, o cardeal e seus irmãos arcebispos escolheram para escudo de suas armas, encimando-as com uma cruz, a roda de navalhas em que fôra no seculo IV martyrisada no Egypto aquella heroina, e letrada virgem, cujo passamento a egreja commemora a 25 de novembro; e concluia gravemente, que sendo o pae de Santa Catharina rei de Chipre, e chamando-se *Costo,* vinha a ser Maria da Costa, d'Alpedrinha, sua legitima descendente.

Não podêmos imaginar que mais conseguisse descobrir e dizer — em materia de genealogias reaes — o frade bernardo Bartholomeu Ponce.

Seja como quer que fôr — nascido em berço de palhas ou de olandas, filho de paes nobres ou paes plebeus, foi D. Jorge da Costa um dos homens mais notaveis do seu seculo; e tão excepcionalmente favorecido da fortuna, tantas vezes esquiva, que parece ter-se realisado á larga a profecia que, diz a lenda, um dia lhe fizera na sua terra um ermitão, vendo-o menino á porta da eschola brincando com os seus companheiros.

O Cardeal d'*Alpedrinha* viveu largo tempo entre os esplendores da riqueza e os esplendores do poder; enriqueceu e innobreceu toda a sua familia; prestou grandes serviços á egreja e ao estado; e morreu com 102 annos de edade no gozo completo de suas extraordinarias faculdades.

Ninguem de mais baixo subiu mais alto. Valido de Affonso V, em Portugal, nem sempre protegeu D. Manuel, em Roma. Egual no poder aos pontifices, valia mais que o Sacro Collegio. Ambicioso, accumulou riquezas enormes; e aos 96 annos declarára ao embaixador portuguez, que se sentia com forças para governar mais doze arcebispados (IV).

Jaz na egreja de Santa Maria do Po-

pulo, em Roma, onde Julio II, seu dedicado e fidelissimo amigo, lhe mandára lavrar o mais sentido e affectuoso epitaphio.

Tal foi, em poucas linhas, o arcebispo de Braga que precedeu e succedeu a seu irmão D. Jorge da Costa — o qual ao mestempo (1493-1498) que como christão edificava no monte d'Espinho, tres kilometros a oriente da cidade, a primeira ermida dedicada á Santa Cruz, fazia respeitar e cumprir como senhor o contracto celebrado entre o seu antecessor D. Luiz Pires e Affonso V, pondo fóra dos seus dominios a primeira alçada, que D. Manoel mandava a estas terras d'entre Douro e Minho.

# SEGUNDA ERMIDA

## D. João da Guarda, Deão da Sé

## 1522-1628

Depois da morte do arcebispo D. Jorge da Costa, ficára a sua ermida como que abandonada no meio d'aquelle solitario eremiterio.

As poucas offertas que os

raros romeiros levavam no dia da Invenção da Cruz, nem chegavam para o culto, nem para a conservação do pequenino templo; nem mesmo havia quem as recebesse e applicasse. Seguiu-se pois o que era natural.

A ermida envelheceu depressa; e em ruinas desabaria sem deixar memoria de sua existencia, se volvidos vinte e quatro annos depois de construida, a não reedificasse, e ampliasse á sua custa, o conde palatino D. João da Guarda.

A este pertencia, como Deão da Sé Primaz, a vigairaria da freguezia de Santa Eulalia, ou Santa Vaia de Tenões, onde está situado o monte de Santa Cruz, ou do Bom Jesus, como se ficou chamando desde 1629, em que se instituira a confraria, ainda hoje existente sob a mesma invocação.

Quem fosse, e a que familia do reino, pertencesse este generoso e devoto capitular, não o dizem claramente os livros do tempo; mas a lapide que mandára lavrar, e embutir na parede da nova capella, deixa vêr sufficientemente a sua qualificada e alta jerarchia, na egreja e no estado.

N'essa pedra — fielmente copiada — acha-se o seguinte :

ESTĀ: EGREJĀ: E CAPELĀ MĀ
DOU FĀZER: O PRETO NOTAIRO
DÕ: IOĀ: DA GUARDĀ: DAYA·
DE: BRĀGĀ: E LAMEGUO:
DO: CÕSELHO: DE: EL REI:
CONDE PALĀTINO POR SUĀ D
EVĀCĀ: A X6· D. DO MES: DE
SETENBRO DO ĀNO: ⁋1522.X.

N'uma obra manuscripta que, com o titulo de *Catalogo dos Deães de Braga*, deixou um dos mais notaveis antiquarios d'esta cidade nos fins do seculo XVII — um dos que maior numero de livros portuguezes, medalhas, moedas e inscripções romanas reunira no seu tempo — Valerio Pinto de Sá, de quem faz honrada memoria *Contador d'Argote* (v), encontrar-se-hia de certo tratada largamente a vida de D. João da Guarda; mas essa obra curiosa, cheia de noticias interessantes e ineditas para a historia antiga de Braga, per-

deu-se infelizmente, e talvez para sempre; e só d'ella restam copiados alguns raros fragmentos, que mais fazem sentir o desapparecimento da mesma obra (VI).

Sabemos comtudo quanto baste para se poder ajuizar com segurança do seu valimento em Roma, e da sua riqueza no reino. N'este, casou elle *parentas,* a quem dotára largamente, com fidalgos de linhagem e solar conhecido (VII); e n'aquella, obteve concessão do papa Clemente VII, em 1523, para renunciar o deado n'um filho, de nome D. Carlos da Guarda—creança então de onze annos. Esta graça foi-lhe concedida, trocando-se em Roma a palavra *renuncia* por *commenda,* augmentando ainda a generosidade pontificia, aos rendimentos das dez prebendas e quatro egrejas do deado, o rendimento de mais alguns beneficios, com a condição de todos elles cessarem quando o joven *commendador* completasse dezoito annos.

Taes graças e concessões, por mais extraordinarias e inacreditaveis que nos pareçam hoje, não eram raras por aquelles tempos, a que ainda se chama—por costume—tempos de moralidade, de justiça, e de singeleza.

Era assim que os bens da egreja se dividiam : ou melhor, era assim que os bens da egreja se accumulavam.

Nem a edade, nem o sexo, nem o estado serviam d'impedimento para pedir e obter mediante condições, ás vezes irrisorias, os rendimentos d'uma egreja, ou os *benesses* de uma prebenda.

Desde que os filhos, os irmãos, os parentes legitimos ou illegitimos dos reis, eram nomeados e confirmados para os mais altos e mais pingues logares da egreja, todos procuravam em Roma um cardeal amigo, um embaixador parente, para seu advogado perante a Curia: e todos alimentavam a esperança, muitas vezes realisada, d'obterem ali deferimento ás suas pertenções.

Com *vinte e dous* annos incompletos, era confirmado pelo mesmo pontifice Clemente VII, para arcebispo de Braga, um infante de Portugal, filho d'el-rei D. Manoel: e ainda no principio d'este seculo dous cavalheiros d'esta cidade recebiam desde meninos, e emquanto permanecessem solteiros, os rendimentos de dous beneficios, com a obrigação de resarem diariamente um certo numero de *padre nossos* (VIII).

Não admiremos pois que o filho de D. João da Guarda gozasse, em 1523, os rendimentos do deado de seu pae, o qual, sete annos depois de ter reconstruido a segunda ermida da Santa Cruz — de que apenas resta uma pedra, que attestará sempre a sua generosa piedade — entregou a alma a Deus em 2 d'abril de 1529.

A reedificação, em grande, da nova capella, ou egreja, conforme diz a lapide; os ricos adornos de que a vestira interiormente o fundador; e as festas n'ella celebradas com pompa e apparato; foram despertando a curiosidade, e accendendo a piedade e devoção dos habitantes de Braga, e das freguezias convisinhas.

O monte da Cruz começou a ser frequentado e visitado. Ia-se lá acima de romaria para resar, e de passeio para divertir. No pino do verão, aquelle arvoredo fechado convidava e atrahia á sua sombra os encalmados da cidade. Um pequeno fio d'agua leve e limpida, unico que então cor-

ria do alto, dessendentava os que se arrostavam com a subida brava da montanha.

De lá, viam-se ao longe as ponteagudas torres do mosteiro de Tibães, bem mais altas que as torres d'hoje.

O Cávado reluzia como uma fita de prata serpeando por entre as veigas ridentes e floridas; e ao longe, em dia de sol sem nuvens e de athmosphera transparente, distinguiam-se perfeitamente as ondulações scintilantes do oceano.

Era um espectaculo novo, que chamava ali muita gente.

Até a transformação porque ia passando, dia a dia, a acanhada cidade, dentro e fóra dos muros, com os importantes e continuos melhoramentos que lhe estava traçando, e fazendo o grande arcebispo D. Diogo de Souza, devia ser vista lá de cima o entretenimento e gozo dos olhos curiosos. Os terrenos que ficavam ao oriente da *Porta do Souto* já não eram divididos, como pouco antes, em hortas, pomares e vinhas. O senhor de Braga fizera do estreito e tortuoso caminho, que levava ás suas obras do templo da Senhora Branca, a praça extensa e larga que hoje vêmos, e dera-lhe com a capellinha

que edificára no centro e dedicára a Santa Anna, o nome que conserva ainda sem alteração alguma (IX).

Ao norte do novo campo, na primeira encosta do monte de Santa Margarida, alvejava mais desafogada, pelo desbaste feito na devezá proxima, a capella de S. Bartholomeu, obra e devoção de D. Jorge da Costa o II. N'esse logar ou a pequena distancia d'elle, passados mais de dous seculos, em 1722, outro arcebispo primaz, D. Rodrigo de Moura Telles, construíra e dotára para refugio de *mulheres convertidas a Deus por livre vontade,* um recolhimento que pôz sob a invocação, e protecção de Santa Maria Magdalena (X).

Os prados onde hoje está o hospital de S. Marcos, o convento dos Remedios, e a egreja de Santa Cruz, haviam desapparecido de todo : e começavam a sair da terra as paredes das primeiras casas nos novos arruamentos, onde a onde apparecia affrontado, com edificações novas, o velho muro que separava a cidade do arrabalde — hoje a rua de S. Marcos.

O grande arcebispo, não podendo quebrar a cintura de pedra que apertava a sua cidade, ia em volta d'ella dando largas

ao seu genio emprehendedor, construindo com *grande dispendio, gloria sua e muita alegria de todos,* uma nova Braga mais espaçosa, mais moderna e mais hygienica.

E toda esta transformação, que trazia admirados nobres e plebeus, se gozava d'um só lance de olhos, do alto do Monte da Cruz.

Por tudo isto se foi tornando mais frequentada aquella aprazivel estancia, e se foi desenvolvendo a devoção do povo; mas a nova capella não tinha quem olhasse por ella, quem a venerasse, quem a defendesse do furor das tempestades, que principiaram cedo a deixar-lhe impressos os vestigios de sua terrivel e destruidora passagem.

D. João da Guarda, que vira em ruinas a capella de D. Jorge da Costa, esquecera-se de salvar a sua da ingratidão dos homens, e dos aggravos do tempo.

Não a dotou em vida, nem em testamento. Aos herdeiros a quem enriquecèra, não impoz obrigação alguma de repararem e beneficiarem a sua obra.

Fiára-se demasiado, com bom coração de certo, nos sentimentos religiosos dos seus successores, e na devoção que

suppoz crescente e vigilante dos fieis — e enganou-se.

Como as offertas eram pobres, os deões contentavam-se em gosar beatificamente, sem trabalho algum, os rendimentos da egreja; e a maior parte dos devotos que subiam a montanha, parece que se entendia directamente e de graça com a divindade, sem o auxilio da intervenção da Cruz.

Só o tempo, que de si não pára nunca, é que ia trabalhando, trabalhando sem interrupção, na sua obra de destruição constante.

As paredes começaram a desaprumar; e ennegrecidas, começaram a abrir fendas estreitas, e a trepar por ellas e a alastrar-se medrada e viçosa a hera — esta nuncia de ruinas, companheira e amparo d'ellas.

Pelos telhados abertos pelas ventanias caía sobre os braços da Cruz, sobre a madeira do altar, e em todo o lagedo da pequena egreja, a chuva dos invernos e das trovoadas. E esta acção lenta, e duradoura, verificava nas ruinas da *capella* — o que diz n'uma poesia o bardo vasconso *Oïhenart:*

« *La goutte d'eau qui filtre et tombe, sans jamais tarir, peut creuser jusqu'au rocher le plus dur* ».

Bastára pouco mais d'um seculo, para que o trabalho incessante do tempo, auxiliado pelo descuido dos homens, reduzisse a quasi ruinas a segunda capella, n'aquelle monte levantada em honra da Cruz de Cristo — *symbolo sacro-sancto da redempção da humanidade.*

# TERCEIRA EDIFICAÇÃO

E

# INSTITUIÇÃO DA PRIMEIRA CONFRARIA

## 1629-1640

Um dos dias do anno de 1629 quiz o acaso, ou antes ordenára a Providencia, que junto da abandonada capella, onde já raras vezes e pobremente se celebrava o culto *Divino,* se reunissem alguns modestos filhos d'esta cidade.

Fallára-lhes ao coração o quadro que tinham diante dos olhos; e impulsionados por identico sentimento religioso, ali mesmo, ao pé d'aquellas pedras negras a desconjuntarem-se, diante dos braços abertos d'aquella Cruz abandonada, que parecia chamal-os e attrahil-os a si; prometteram empenhar todas as suas forças na restauração do edificio: e pôz todo o seu cuidado em reaccender e fazer voltar para aquelle alto a quasi extincta devoção dos seus conterraneos, e dos seus convisinhos.

Dos nomes d'esses benemeritos devotos, nem um só chegou até nós. Perderam-se todos completamente, como adiante veremos.

Entendendo que antes de tudo deviam prender-se por um laço commum, que mais os estreitasse na realisação da piedosa empreza a que espontaneamente se votaram; e conhecendo a necessidade d'uma *lei* que a todos governasse e regesse; constituiram-se em confraria sob a invocação do *Bom Jesus do Monte.* É d'ahi que vem o começar, pouco a pouco, aquelle logar a perder o nome do monte da *Santa Cruz,* e com o andar do tempo a desapparecer da memoria e da bocca do povo,

para só ficar conhecido pelo que ainda hoje tem.

Escreveram e fizeram approvar pelo ordinario os seus *Estatutos,* dos quaes tambem não ha noticia, e apenas vagas referencias em alguns papeis do tempo.

Desejosos de augmentar o numero dos companheiros, escolheram e admittiram *irmãos,* que foram por sua devoção e deligencia outros tantos obreiros dedicados. Pediram de porta em porta esmolas pelas ruas da cidade; e pediram-as nas aldeias, á hora da missa conventual, nos adros das egrejas. Agenciaram por toda a parte donativos de materiaes para as obras. Promoveram em beneficio da nova confraria espectaculos e *Passos* d'assumptos apparatosos, simultaneamente biblicos e mythologicos, que o povo via, applaudia e pagava. Celebraram festas na velha capella, para que os fieis vissem de perto o estado a que a reduzira o tempo; e conseguiram finalmente chamar para aquelle logar, já quasi de todo esquecido, a piedade d'uns e a generosidade d'outros.

Tão sasonados fructos colheram de sua fervorosa dedicação e zelo catholico, que em poucos annos obtiveram meios

para demolirem a capella de D. João da Guarda, e levantarem outra.

Dando-lhe maiores proporções, accrescentaram-lhe dous altares, e dotaram-a de todos os paramentos e alfaias necessarias para a decencia do culto.

Não sabemos, quanto tempo administraram os primeiros eleitos os negocios da florescente confraria; mas é certo que todos os que se lhes seguiram, se houveram com egual empenho, egual esforço e egual felicidade; e que cada um d'elles, como em gloriosa porfia, assignalára a sua passagem com obras de muita piedade, e de applaudido embellezamento.

Estradara-se a montanha. Abrira-se n'ella em zig-zag, á sombra d'antigas arvores, um largo e aspero caminho, onde d'espaço a espaço em modestas e pequeninas capellas se representavam as scenas mais tocantes, mais commovedoras da tragedia do Calvario.

Fizeram-se quarteis para descanço e agasalho dos romeiros, e levantaram-se elegantes obeliscos sobre os altos paredões, que amparavam o airoso e amplo adro da nova ermida, e da fonte de *Cupido*—a primeira ali feita com alguma arte,

manava copiosa e limpida a agua, até então occulta e perdida nas veias da terra.

Um ermitão de vida austera e semblante asceta ali vivêra n'aquelle ermo, guarda fiel e vigilante; e n'elle morrêra em 1647, deixando quanto possuia — que era quasi nada — ao mesmo Senhor a quem servíra com muito amor.

Foi este o primeiro legatario que tivera o *Bom Jesus;* e o seu nome — *Pedro do Rosario* — encontra-se referido com louvor em varios papeis do archivo, além de se lêr na sepultura que está no cimo do *escadorio,* no meio do patim, entre as capellas de *S. Pedro e Santa Maria Magdalena* — provavelmente no mesmo logar, ou perto, d'aquelle em que fôra sepultado.

Um inesperado e extraordinario acontecimento veio concorrer, poderosamente, para afervorar os sentimentos religiosos, e reaccender os abatidos sentimentos patrioticos dos habitantes d'esta cidade, e de todo o reino: — foi a restauração de 1640.

A fausta nova, de que já havia em Portugal *rei portuguez,* chegando de rebate a Braga nos primeiros dias da segunda semana de dezembro, alevantára todos os espiritos e enthusiasmára todos os corações.

Os primeiros, que deram ruidosas demonstrações de seu regosijo, foram os *estudantes,* que n'esse tempo frequentavam em grande numero os estudos n'esta cidade, nomeadamente no Collegio dos Jesuitas (XI).

Na edade auspiciosa dos arrebatamentos juvenis, aquelles generosos mancebos, cujos corações vibraram unisonos e fortes, ao saberem que tinham patria livre e independente, não esperaram a vinda de correios officiaes, e acclamaram estrepitosamente D. João IV. O povo, que tanto soffria e definhava, vendo sair violentados muitos de seus irmãos para as guerras da Catalunha; e vendo correr o seu suor de escravo, convertido em ouro, para as arcas de *Madrid;* acompanhára-os com egual enthusiasmo: e nem uma voz de receio, nem um conselho de prudencia, perturbára aquellas alegrias puras, profundas, que tão de dentro nasciam, e tão espontaneamente se desentranhavam.

Depois de terem repicado os sinos de todas as egrejas, e de terem fluctuado bandeiras em todas as torres da cidade, sem haver quem a isso se oppozesse, é que o senado bracarense se reunia no dia 11 de dezembro, na sua casa no largo da Sé, esquina da rua de *D. Gualdim;* e annunciava, solemnemente, que — *tendo ouvido os nobres e os plebeus, os governadores da cidade e o cabbido; e não havendo quem d'entre o clero, a nobreza e o povo encontrasse tão feliz successo, antes todos o tivessem como ordenado por Deus* (XII) — *resolvêra sair com a bandeira da cidade, e ir ao meio do povo acclamar D. João IV, rei de Portugal e dos Algarves.*

N'esse mesmo dia, empunhando a bandeira *Constantino da Cunha Sotto-Maior,* então alcaide-mór, conforme a antiga usança, e acompanhado da nobreza, do clero e de grande multidão de povo, percorreu as ruas e praças principaes da cidade, e deitou o pregão do estylo, acclamando e proclamando o novo rei.

Até o conde de Armamar, governador das armas por Filippe IV, sobrinho e valido do arcebispo *D. Sebastião de Mattos,* prelado que mais tarde morrêra infamado

no carcere da torre de S. Julião, como traidor e conspirador contra a vida do seu rei (XIII), veio com a sua presença — talvez violentado ao meio dos desopprimidos — alegrar-se e regosijar-se com elles.

Muito d'esse povo, que ouvíra dous annos antes, na festa do *Pellote* de D. João I em *Guimarães,* bradar *Fr. Luiz da Natividade* do alto do pulpito — *que a renovação e a restauração do velho reino havia de vir* (XIV), começára desde logo a attribuir a milagre a exaltação do *Duque de Bragança* ao throno de *Affonso Henriques;* e, pobre, esmorecido ainda com os vergões vivos das algemas de 60 annos; mais se confirmára n'esta crença, quando soubera que em Lisboa a imagem de Christo Crucificado, saindo em procissão da Sé, poucas horas depois dos primeiros vivas á liberdade, descravára o braço direito, e com a mão aberta abençoára a multidão enthusiamada (XV).

Passadas poucas semanas, era aqui absoluta e inabalavel a convicção de que a Deus, e só a Deus, devia Portugal a independencia, e os portuguezes a emancipação.

Sobre esta cidade, conhecida desde se-

culos pela cidade do *Sacramento,* vira-se durante muitas noites para os lados do oriente, no ceu azul e estrellado, fulgurar uma *grande hostia entre dous anjos,* tudo tão visivel e tão perfeito, que os mais distinctos da cleresia, da nobreza, das lettras e das armas, assignaram sob juramento, como testemunhas de vista, o auto que mandára lavrar *D. Gastão Coutinho,* fronteiro-mór d'entre Douro e Minho, com o *Dr. João d'Abreu da Rocha,* provisor e vigario geral do arcebispado, em 29 de janeiro de 1641 (XVI).

Com os LUSIADAS de *Camões,* Cant. II. Oit. XXX, como que dos labios de todos emanava então esta exclamação fervorosa:

«Oh caso grande, estranho, e não cuidado!
«Oh milagre clarissimo, evidente!

Tão profunda era esta crença e esta convicção no espirito do povo, que nos primeiros mezes depois da Restauração, apezar das ordens apertadas dos governadores do reino e dos avisos constantes do Senado, mais agradecia elle a Deus a sua liberdade, indo de romagem ao TEMPLO do

Bom Jesus do Monte — onde amiudadamente se faziam festas em acção de graças — do que se preparava para as luctas sangrentas da guerra contra os hespanhoes, luctas que fatalmente se deviam seguir, e por largos annos tiveram logar effectivamente.

## D. FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

### DEÃO DA SÉ PRIMAZ

### 1708-1720

A DEVOÇÃO recrescente dos fieis que já vinham de muitas leguas em roda, e de pontos afastados da provincia, trazer á milagrosa imagem do Bom Jesus as suas esmolas e offrendas, e os administradores pios e intelligentes que succes-

sivamente se seguiram, elevaram a grande credito a confraria, e deram grande aformoseamento a uma parte da montanha.

Tal prosperidade devia aguçar a cobiça, a quem se julgasse não só com direito de entender nos negocios da florescente confraria, mas principalmente de alargar a fonte dos rendimentos proprios, fazendo reverter em seu favor, como se legitimamente lhe pertencêra, o que era dado como esmola para esplendor do culto, para obras de embellezamento, e para augmento do pequeno capital então da mesma confraria.

D. Francisco Pereira da Silva, deão da sé primaz, tão outro e tão differente do que fôra o seu generoso antecessor D. João da Guarda, apresentára-se como abbade que era da freguezia, dentro da qual estava a capella e suas dependencias, reclamando para si o direiro de só elle superentender em toda a fabrica, e arrecadar e despender como intendesse todos os proventos e rendimentos d'ella.

Era isto pelos annos de 1708 (XVII).

Este inesperado procedimento entristeceu alguns dos mezarios, e desesperou outros. Viam todos perdida a sua obra de trabalho e d'amor, e nenhum tinha cora-

gem de luctar contra o poderoso deão. Entendiam que perderiam a demanda, pagariam as custas, e cairiam no desagrado d'elle, e de sua poderosa familia.

Parece que, por aquelles tempos, em Braga o fiel da balança da justiça se inclinava servilmente sobre o prato do mais forte e do mais rico.

A opinião publica insurgira-se tambem contra o ambicioso capitular, mas na sombra e anonymamente. O desgosto, embora profundo, da maioria dos confrades não ia além de lamentações estereis, feitas em publico, mas cautelosamente e de modo a podêrem ser alteradas, sem retratação flagrante, se as circumstancias o exigissem. A portas fechadas é que elles desabafavam em rancorosas tiradas contra o que ia metter mão infiel, diziam elles, no gasophilacio do templo, que algum dia se chamaria — *Nova Jerusalem*.

Alguns mais afoutos tentaram reunir-se para combinarem o plano da demanda, mas desarmara-os depressa os conselhos dos mais timidos; e assim foram delindo, consoante lhes permittia a indole do seu caracter, a magoa de o verem como senhor absoluto pôr e dispôr, do que tantos

annos, tanta devoção, tanta perseverança, e tantos sacrificios havia custado.

Era este, D. Francisco Pereira da Silva, da casa dos Biscainhos aqui.

Obtivera o deado, pela *resignação* que duas thias que tinha no convento do Salvador, n'esta cidade, conseguiram da Santa Sé com muito trabalho e protecções.

Seu pae, o *Dr. Constantino Ribeiro do Lago,* fôra homem de notavel talento, de reconhecido merecimento, e muito popular. Nas cortes de 1667 representára não só a cidade de Braga, mas toda a provincia, sem receber salario algum: e com o seu voto esclarecido foram resolvidas n'ellas algumas questões importantes. No cartorio dos Biscainhos ha documentos que attestam isto.

Á sua grande influencia deveu a sua casa o lusimento a que chegou.

Nas *Memorias de Braga,* nunca publicadas, do antiquario desembargador *Ignacio José Peixoto,* contemporaneo de D. Francisco Pereira da Silva, encontram-se a respeito do deão algumas individuações curiosas, que podem provar a singeleza dos seus costumes e a tenacidade da sua vontade. Diz Peixoto — *nunca largou o vesti-*

*do e trage antigo á sebastianista: usava barrete de quatro bicos, e de saltos muito altos: era tão inclinado á innocente caça dos taralhões, que ia d'aqui até Barcellos armando-lhes costellas* (XVIII). Morreu com noventa annos d'edade, em 27 de dezembro de 1748.

Tal era o adversario, com que tinha de defrontar a meza, se tentasse sair em defeza dos direitos da confraria.

Para prova da influencia que este deão exercia, apezar de levar uma parte do tempo *na innocente caça dos taralhões,* lê-se na *Descripção do Sanctuario*—que se conserva manuscripta no archivo—que alguns mezarios foram consultar um padre, que lograva grandes creditos de letrado, sobre o que em consciencia deviam fazer em tal conjunctura; e que o sabio conselheiro, depois de fallar muito ácerca do direito dos padroeiros e do direito dos parochos, concluira abrindo a Biblia, e lêra como o principal argumento estes versiculos do Ecclesiastico: *não tenhas demandas com o poderoso, para que lhe não venhas a cair nas mãos: não disputes com o rico, para que elle não venha a metter-te em alguma demanda* (XIX).

Estas palavras do texto sagrado, applicadas á consulta, parecem-nos d'algum companheiro do illustre deão na caça dos taralhões, ou proposto seu em algum dos seus quatorze beneficios, que tranquillamente gozava. Se não era nada d'isto, anticipára-se o padre lettrado, pelo menos, seculo e meio ao seu tempo.

Por mais extraordinario e inacreditavel que pareça—a verdade historica é, que os mezarios, seguindo á risca o judicioso conselho do experimentado sacerdote, abandonaram o seu posto, sem opporem resistencia alguma; e cederam inteiramente o campo, deixando n'elle á descrição do vencedor, tudo quanto pertencia á confraria—terrenos, casas, quarteis, alfaias, valores e archivo. Esta facil victoria augmentou de certo os creditos de poderoso, e a fama de rico, ao illustrissimo capitular.

De posse da nova e copiosa fonte de receita, apressou-se D. Francisco Pereira da Silva a corresponder ao que d'elle se esperava. A ninguem surprendeu o que fez. Em pró dos seus interesses, arcando de frente com a indisposição geral, entrou francamente na exploração do novo *bene-*

*ficio*. Poz lá um *rendeiro clavario*, com o nome de ermitão, encarregado de arrecadar e entregar-lhe as esmolas, que os devotos levavam ao pequeno Sanctuario. As festividades começaram a ter mais ares de negocio, que de manifestação de piedade. O ermitão tratava, como feitor, dos interesses do amo. Mas as paredes da egreja, das capellinhas e dos quarteis, foram-se ennegrecendo com o abandono. As beiras dos telhados cobriram-se de musgo e hervas. As aguas, desviadas das fontes, iam regar os milharaes do passal, ou eram vendidas aos visinhos; e nas orlas dos caminhos, antes relvados, nasciam e medravam como em quinchoso de pardieiro deshabitado o tojo, o espinheiro e o cardo.

Esfriára muito a devoção, e rareavam os romeiros e os visitantes; e á medida que os edificios iam desperecendo, diminuiam de anno para anno as esmolas e offertas. Mas como a despeza que o deão fazia era quasi nulla, tudo o que sobrava era lucro.

E assim se passaram doze annos inteiros, no fim dos quaes seria necessario muito dinheiro para repôr no antigo estado, quanto se houvera feito á custa de ta-

manhos e diuturnos sacrificios no monte do Bom Jesus.

Havia n'esse tempo (1720) em Braga um desembargador, juiz dos Residuos, que apezar de padre parecia ignorar aquelles citados versiculos do *Ecclesiastico,* ou pelo menos interpretal-os de modo muito diverso, do que o fizera o seu collega lettrado. Este magistrado, sabendo que existira no Bom Jesus uma confraria da qual ainda viviam muitos irmãos, ordenou que se reunissem, elegessem meza que a administrasse, e com assistencia do Senado mandassem citar o deão, e o seu proposto ermitão, para entregarem a capella e suas dependencias, e tudo o mais de que estavam de posse indevidamente.

Fez-se publica a ordem ao som de campa tangida por praças e ruas, como era costume, e foi isto causa d'admiração na cidade. Os confrades em obediencia á lei, e movidos uns por sentimento religioso, e outros por desejo de vingança que podiam satisfazer sem perigo, reuniram-se estando presente a authoridade judicial, e escolheram para mezarios—a quem deram todos os votos—cidadãos importantes, conhecidos por sua devoção, e respeitados

por seu caracter. Saiu juiz Francisco de Souza e Castro, fidalgo da Casa Real, e morador a traz do hospital de S. Marcos.

Á eleição e ao juramento seguiu-se a posse, mas posse puramente nominal, por que nada receberam, e no archivo nada encontraram. O previdente deão pozera tudo a bom recado. Até o proprio *Estatuto* desappareceu, e para sempre.

Dias depois, era posta em juizo uma demanda travada entre duas partes — uma opulenta, caprichosa, temida, e afeita a vencer todas as difficuldades — outra tendo por si a justiça, e as sympathias d'uma cidade inteira.

## AINDA O DEÃO D. FRANCISCO

## QUARTA E NOVA EDIFICAÇÃO

### D. RODRIGO DE MOURA TELLES, ARCEBISPO

### 1720-1728

Não se deixaram os novos administradores absorver pelos cuidados do pleito. Foram simultaneamente dividindo a sua actividade por tudo que a reclamava com urgencia. Trataram d'organisar

«estatutos novos» por que se regessem; e já em 29 de dezembro do mesmo anno, eram elles approvados pela junta dos irmãos, e confirmados por *provisão* de 21 d'abril de 1721, pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles.

Ha n'elles algumas disposições curiosas, e outras que revellam um conhecimento pratico digno de imitação.

O art. 3.º *recommenda que o escrivão da meza seja um sacerdote confessor, illustre na virtude e louvavel nos costumes.* O art. 10.º *prohibe que o thesoureiro seja reeleito.* O art. 13.º *lembra a conveniencia, a bem da confraria, de eleger sempre quem não tenha servido cargo algum n'ella; e multa em vinte reis os irmãos que não forem á eleição.* O art. 28.º *permitte que todos os que tiverem os requisitos de capacidade possam ser irmãos, sem distincção de classe nem de sangue, comtanto que não sejam* FRADES *nem* FREIRAS.

Nos primeiros tempos da demanda, tudo era vêr e calcular, para que parte se inclinaria a vara dos juizes. O deão saíra a campo em defeza do seu orgulho e interesse feridos, e ameaçára os mezarios que por seu lado — tendo á frente o *fidalgo da*

*casa real* e as *sympathias publicas* — não desmereciam do adversario. O *processo* discutia-se em toda a parte, e sempre descaridosamente para o capitular. A bilis, sopitada largo tempo, resfolegava então por todos os poros. Até a innocente mania da *caça dos taralhões* se apresentava como circumstancia aggravante.

Muitos individuos se alistaram então como confrades: e faziam-se donativos á meza, para restauração dos estragos que a negligencia e o tempo causaram na egreja, nas capellinhas, nas estradas e nos caminhos do monte.

Ao paço archiepiscopal chegára tambem a noticia da demanda, dos commentarios de que era acompanhada cá fóra — nos quaes já o povo miudo tomava grande parte — e da irritação dos animos de muitos devotos.

A continuação de tal estado degeneraria facilmente em escandalo; e a solução judicial, qualquer que ella fosse, poderia trazer perigos de consequencias graves.

O zelo religioso e o tino politico do primaz, accudindo a tempo, evitaram habilmente o mal, que de dia a dia se aggravava com deslustre da egreja, e des-

gôsto da cidade. Interpondo-se com sua authoridade absoluta, dirimiu e cortou d'um golpe todas as difficuldades e todas as discordias. Esperando que chegasse a epocha marcada no *Estatuto* para a eleição da meza, mandou, no momento opportuno, lavrar um decreto que assignára em 7 de junho de 1722, no qual — *dispensando por aquella vez a disposição do Estatuto, e lamentando as desordens e demandas que promettiam continuar, com prejuizo da confraria e escandalo dos fieis — a si mesmo se nomeava juiz ; e aos conegos A. Felgueira de Lima, Dr. Agostinho Marques do Couto, seu vigario geral, e Manoel Pereira d'Araujo, escrivão e mordomos* — com mais outros nomes respeitaveis, e aptos para exercerem os restantes cargos da meza.

Esta prudente resolução terminou dignamente o pleito travado, e contentára a todos.

O deão, egualmente habil e politico como o prelado, fôra ao paço; e ahi no dia 4 de julho, estando reunida toda a meza sob a presidencia do arcebispo, declarou mediante condições insignificantes — desde logo acceites — que (xx) *em seu no-*

*me, e no de todos os seus successores, largava, dava, demittia e traspassava, desde aquelle dia para todo o sempre, á confraria de Bom Jesus do Monte, todo o direito, rasão, posse e dominio, que tinha e podia ter nas capellas, ermidas, casas, devezas e mais propriedades, que estão sitas no monte e logar da Santa Cruz, tanto dentro do tapado como fóra d'elle* (XXI).

A sollicitude, e a generosidade e devoção do novo juiz, manifestou-se ininterrompidamente desde o dia da posse — 4 de julho de 1722 — até o dia da sua chorada morte, 4 de setembro de 1728, n'um sabbado pelas onze horas da manhã (XXII).

Como se advinhára que a vida lhe fugiria breve, o illustre prelado concentrára os *seis ultimos annos* d'ella, conquistando merecidamente o nome de *restaurador* e *reedificador* do Sanctuario do Bom Jesus do Monte.

As obras custosas e grandes, que ali se fizeram durante este curto periodo, perpetuaram-lhe o nome na pedra, e a memoria na gratidão dos bracarenses.

Desde o portico que ainda hoje admiramos, até o templo de que já não restam vestigios, tudo foi obra sua. Quanto ali

havia, foi reformado, reedificado e melhorado. Alargando o plano das obras, começára e concluira algumas importantes, no que dispendêra grossas sommas.

O templo completamente novo, e levantado um pouco mais abaixo do que o actual, estava terminado em 1725: e n'elle mandára metter sobre a porta principal, voltada ao occidente, uma incripção latina, na qual — *dedicando o templo a Jesus Christo Crucificado, pedia á posteridade orações pela sua alma* (XXIII).

Esta inscripção, menos feliz do que o *brazão* do arcebispo *D. Jorge da Costa*, e a lapide do deão *D. João da Guarda*, que ainda actualmente se conservam—graças ao intelligente cuidado, e constante zêlo do provedor que então era (XXIV)—não sabemos onde pára, nem o fim que tivera.

Esse templo, de forma arredondada e cortado de cima a baixo por pilastras salientes, era elegante, e de architectura perfeita — diz o *Contador d'Argote*.

Sobre a cornija, volteava uma alta e rendilhada varanda de pedra, no peitoril da qual se viam oito anjos de grande estatura, ostentando cada um d'elles os martyrios da Paixão de Christo.

Tinha a egreja cincoenta e quatro varas de circumferencia (xxv): e na ornamentação interior d'ella trabalharam os artistas mais notaveis da cidade.

Infelizmente, passado pouco mais de meio seculo, a obra principal de *D. Rodrigo* estava condemnada a desapparecer para sempre, por mal construida e por insufficiente.

Os signaes da ruina proxima, que as chuvas aturadas e os ventos rijos do anno de 1780 imprimiram na aboboda — fendendo-a em toda a volta e nas paredes e cornijas; a sua pouca solidez, e a grande quantidade de romeiros que affluindo ao Sanctuario a gosarem as graças do Jubileu, não podiam assistir aos officios divinos — determinaram a construcção do magestoso e actual templo do Bom Jesus.

A morte não permittira ao illustre prelado, a quem a cidade muito ficou devendo, concluir a sua *Nova Jerusalem*.

Não lhe durou a vida até vêr realisada a obra, a que votára tanto amor e tanta dedicação, e em que consumira tanto cabedal.

A ultima sessão de meza, a que presidira, tem a data de 25 de junho de 1727.

Nos ultimos dias de vida, fallando D. Rodrigo de Moura Telles da sua — *Jerusalem*—fez uma profecia que a Providencia tem deixando largamente cumprir : — *nunca faltarão homens nem meios, para o engrandecimento do Sanctuario e da montanha.*

Quarenta e cinco annos depois da morte do restaurador da — *nova Jerusalem* — lembrou-se, em 1773, a meza do Bom Jesus de lhe mandar copiar o retrato d'outro que havia no paço, no salão dos arcebispos !

O conego Antonio Felgueira de Lima, seu immediato successor, por eleição, no cargo de juiz da confraria, o mesmo que como escrivão da meza o acompanhára e auxiliára desde 1722, não logrou por muito tempo a presidencia, nem pôde continuar as gloriosas tradições, porque a morte o levou da vida nos principios de março de 1730, poucos mezes depois de reeleito, e de ter mandado povoar de mais figurado a capella do Descendimento da Cruz.

Tinha-se, por esse tempo, resolvido em ultima instancia a favor dos jesuitas um pleito curioso, que trouxera preza a attenção da parte mais illustrada da cidade.

A Companhia de Jesus, que nunca em Braga fôra vista com bons olhos pela maioria das ordens religiosas, pelo clero secular e pelo povo, julgando-se com direito ao monopolio do ensino primario e secundario, mandára intimar os seus principaes adversarios no ensino da mocidade — os Congregados Neris — e notificar todos os professores particulares, para que fechassem as aulas e despedissem os alumnos.

Entre outras rasões, allegavam os P.P. do Collegio de S. Paulo, que ensinavam de graça, e obrigavam os discipulos a frequentar o sacramento da penitencia com assiduidade, e a ouvir missa todos os dias do anno. Os Neris defenderam-se sós; e os professores, feridos mortalmente nos seus interesses, fizeram causa commum, e juntando a si os paes dos estudantes, pediram copia da intimação, e vieram com a sua contrariedade. N'ella diziam, que uma grande parte dos discipulos eram pobres,

e não tinham meios para frequentarem, decentemente vestidos, as aulas do Pateo: e depois d'outras rasões concluiam disparando apódos e zargunchos contra o duvidozo merito litterario d'alguns mestres jesuitas — contra a ambição insaciavel de todos elles — e contra os fins politicos e antipathicos da Companhia. Estes excessos vinham pouco de molde para a defeza da causa; e as assuadas e berreiros repetidos da estudantada, contra os professores do Pateo, irritaram os P.P., que procederam criminalmente contra os mestres, os paes e os rapazes. E obtendo ordem de prisão contra os DELINQUENTES, levaram tão longe a sua vingança, e quizeram accentuar tão cruamente o seu poderio, que conseguiram mandar em levas prezos para Lisboa, como se fossem malfeitores condemnados a degredo, todos os estudantes que se haviam tornado notaveis nas assuadas, e muitos dos que os tinham acompanhado n'ellas.

Mais de dous mil estudantes, d'Entre Douro e Minho e Traz os Montes, frequentavam então as aulas de Braga.

O povo, quando viu sair os prezos acorrentados, tentou amotinar-se; mas pre-

feriu ir fazer preces na Sé á Senhora do Livramento. A essas horas, já estavam dentro da cadeia d'esta cidade os mestres, e os paes que na demanda fizeram causa commum com elles.

A questão terminou por serem livres os rapazes em Lisboa; sendo os paes obrigados, consoante suas posses, a multas de dinheiro para o Collegio, assim como todos os outros que estavam ainda prezos nas cadeias de Braga.

A sentença foi executada como n'ella se continha; mas a importancia das multas, que era grande, não entrou no cofre dos jesuitas.

Querendo estes padres manifestar uma tardia generosidade, e acalmar a antipathia que lhes votava a cidade, deram essas multas á confraria do Bom Jesus do Monte, para compra das estatuas de pedra que se haviam de collocar, e collocaram sobre plintos de granito, nos *escadorios* dos *cinco sentidos*.

Elles mesmos escolheram na Biblia e na *fabula* os nomes para essas estatuas, assim como escolheram os disticos que se deviam subinsculpir em cada uma d'ellas. Das paginas sagradas, tiraram Moysés, Je-

remias, David, a Esposa dos Cantares, Noé, Sunamites, Isaias, e Esau; e da mythologia, Argus, Orpheu, Jacintho, Ganimedes e Midas.

Esta promiscuidade irreverente, tolerada em tempos mais afastados, era já no primeiro quartel do seculo XVII reputada não só pouco orthodoxa, mas de mau gosto litterario e artistico; porém era esse desde muito o systema seguido pela Companhia.

Todas estas estatuas estiveram bastantes annos com os seus nomes no *escadorio* dos *cinco sentidos;* até que a proposito da questão dos celebres Breves de Clemente XIV, de que adiante fallaremos, foi asperamente reprehendida a administração do Sanctuario, pelo Edital da Meza Censoria de 22 d'abril de 1774, onde se chama á união do sagrado com o profano — *indecorosissima e indecentissima.*

Em satisfação ao Edital foram chrismadas todas as estatuas, que a fabula fornecêra, e alterados os respectivos disticos. Argos, ficou-se chamando *Vir prudens;* Orpheu — *Idithum;* Jacintho — *Vir sapiens;* Ganimedes — *Joseph,* e Midas — *Salomão.*

A generoza offerta da Companhia pouco diminuiu a animadversão que havia contra ella, aggravada ainda por outras causas.

O proprio arcebispo D. José de Bragança, filho natural de D. Pedro II, seu amigo e protector, em cujo Collegio jantava nos dias de Santo Ignacio de Loyola e de S. Francisco Xavier, começára a hostilisal-os abertamente—prohibindo-lhes a entrada no paço, e despedindo o seu confessor, que era tambem jesuita.

Nem com serem os primeiros a sair á rua com uma procissão de penitencia, por occasião do grande terremoto de Lisboa em 1755 — prégando em differentes pontos da cidade os seus missionarios mais apreciados, como eram entre outros os Padres João de Mendonça e João Marcos — conseguiram elles reconquistar as sympathias perdidas.

Quatro annos depois, em novembro de 1759, eram expulsos d'esta cidade os jesuitas.

Era povoado de soldados o seu convento.

E o povo ouvia lêr horrorisado o primeiro *Edital,* que D. Gaspar de Bragan-

ça, filho natural de D. João V, publicára como arcebispo de Braga, no qual se relatavam as causas da expulsão e extincção da Companhia de Jesus, tanto do reino de Portugal, como de todas as suas possessões ultramarinas.

# VARIAS OCCORRENCIAS

NA

# ADMINISTRAÇÃO DO SANCTUARIO

## 1730-1748

UCCEDEU, por eleição, ao conego Antonio Felgueira de Lima, o provisor do arcebispado dr. Agostinho Marques do Couto, tambem conego, e uma das pessoas principaes da cidade. Este, em 25 de novembro de 1731, propoz em

sessão para que se reformasse o Estatuto; *porque a confraria já tinha a quem dar, e de que dar satisfação de muitas obrigações.* Mas sendo este capitular substituido na immediata eleição, não se tornou a fallar por bastantes annos em reforma.

Desde 1732 a 1741, apparece reeleito successivamente o dr. João da Silva Ferreira, egualmente conego e vigario geral do arcebispado. D'este encontramos, durante tôdo o largo juizado, apenas tres ou quatro vezes assignado o seu nome nos termos da confraria; e em todos os outros o dá ausente ou impedido o secretario.

A ausencia comtudo do juiz não prejudicou o desenvolvimento progressivo, embora vagarozo do Sanctuario; porque em todo esse tempo não só foram conservadas e reparadas todas as obras feitas, mas algumas outras, modestas mas necessarias, se começaram e concluiram. Fez-se então a capella da *Resurreição* com todo o figurado.

Collocaram-se novas estatuas, augmentou-se o salario ao ermitão com a obrigação de regar e cuidar das flôres dos jardins — medida que soffreu opposição — e receberam-se *por geito e com auxilio do*

*Bom Jesus,* algumas dividas mal paradas, garantindo-se outras poucas seguras.

A meza que se seguiu, administrando a confraria até 1743, sob a presidencia do chantre da Sé primaz Antonio d'Araujo Costa, continuou com zelo as tradições recebidas.

Foi esta administração, a que mandou fazer a imagem do Senhor Resuscitado, obra do artista notavel de Braga—*João Gambino,* o primeiro depois do celebre estatuario *Antonio de Campos,* que morava junto da egreja de S. Thiago, e cujas obras, infelizmente raras, são muito apreciadas pela correcção do desenho, perfeição do trabalho, e elegancia e naturalidade das roupagens.

Depois de *tres conegos,* veio a cair a eleição em *Fr. José João Ferreira Ribeiro,* cavalleiro professo de Christo.

É digna de reparo esta escôlha; porque ainda os *Estatutos* de 1721 estavam em vigor, e n'elles — no art. 28.º — era prohibida a entrada de RELIGIOSOS ou RELIGIOSAS para irmãos da confraria.

Durante o juizado d'este *freire,* fizeram-se e foram votadas em meza duas *propostas,* que parecem justificar, em certo

modo, a prohibição do alludido art. 28.º do *Estatuto*. Foi uma das taes propostas o mandar-se pintar a oleo todas as *estatuas de pedra*, e pintaram-se; a outra, cortar-se grande quantidade de lenha na matta, para *se vender em molhos aos romeiros*, e cortou-se.

Foi na mesma administração, que pela primeira vez se nomearam mordomos nas aldeias, para pedirem esmolas no mez das colheitas: o que deu pelo tempo adiante optimos resultados.

Dissemos acima, que nos parecia digna de reparo a eleição de *Fr. José João Ferreira Ribeiro* para juiz da confraria, vigorando ainda o antigo *Estatuto;* e mais digna nos parece ainda, lendo transcripta no termo de 11 d'agosto de 1743 uma ordem do Juiz dos Residuos, *Thomaz d'Araujo e Brito*, para annular os votos com que um mezario fôra eleito com o titulo de — *vedor da fazenda* — por esse cargo se não achar designado nos *Estatutos:* o que deu occasião a tornar-se a fallar sobre a conveniencia e necessidade de os reformar, *visto que as obras e os trabalhos cresciam, e serem só seis os officiaes da meza.*

As administrações successivas, eleitas

até 1749, pouco fizeram: e comtudo fôra uma d'ellas presidida, no espaço de dous annos, por uma das principaes pessoas e da maior importancia d'esta cidade, *D. Eugenio Botto da Silva,* bispo de *Aptalonia,* presidente da Relação de Braga, reitor do Seminario e provisor do arcebispado.

Ou os seus muitos negocios, ou os seus muitos achaques, não lhe consentiram deixar memoria louvavel da sua administração no Sanctuario. A 19 d'abril de 1748 falleceu D. Eugenio, e foi sepultado na egreja do Carmo.

Antes de nos occuparmos da meza, em que foi pela primeira vez eleito um dos mais distintos, mais generosos, e mais dedicados bemfeitores do Sanctuario, Manoel Rebello da Costa, diremos desde já, que a administração que se seguiu á do bispo titular *D. Eugenio,* presidida pelo desembargador *Manoel Freire d'Oliveira,* fôra egualmente esteril, mas assombreada por uma resolução picaresca, e que lhe merecêra os mais acerados e pungentes epigrammas.

Foi o caso — não haver arrendatario para a *venda* que servira como estalagem aos romeiros; e determinar a meza, em 8

de dezembro de 1747 que se procurasse um homem que entendesse de negocio, e que por conta da confraria vendesse aos romeiros — «*vinho, palha e cevada*».

Tres dos mordentes epigrammas, pregados como pasquim n'uma das *carvalhas* do monte, guardou-os um curioso do tempo (XXVI), e resam assim :

O juiz do Sanctuario,
Em vez de curar de festas,
Resolveu ser emprezario :
Fez-se *curador* de bestas.

Vinde fieis e romeiros,
Não vos assuste a despeza ;
Que o chefe dos empreiteiros
Vende os sobejos da *Meza*.

Se o devoto traz mortalha,
Leva a alma sem peccado ;
Mas de cevada e de palha,
Leva o bucho empanturrado.

# MANOEL REBELLO DA COSTA

## BENEMERITO BEMFEITOR

## 1749-1771

Escreve-se em 28 de junho de 1749 pela primeira vez, nos livros dos mezarios do Sanctuario, o nome de Manoel Rebello da Costa.

Oito mezes depois de ter nascido, na rua de Santo André, um me-

nino que na pia baptismal da egreja de S. Lazaro se chamára Carlos Luiz; e que havia de ser no futuro o architecto e o engenheiro do magestoso templo do Bom Jesus; era aquelle respeitavel cidadão escolhido e eleito para thesoureiro da confraria, sob a presidencia do desembargador Custodio Ribeiro d'Araujo.

Desde o dia da eleição até o da sua morte, em 21 de março de 1771, apparece em todo este largo periodo de 22 annos, Rebello da Costa—o mais constante no trabalho, o mais sollicito na devoção, e o mais generoso nos donativos. Depois do restaurador D. Rodrigo de Moura Telles nenhum se lhe avantajára nem egualára na diuturnidade e benemerencia de serviços.

Revella-se o seu tino e zelo administrativo, nas casas que levantou para accommodações dos capellães, e hospedagem dos romeiros, e conforto dos visitantes; nos terrenos que adquiriu por compra para alargamento da *cêrca;* no augmento a que elevou o patrimonio do Sanctuario; e na prudencia e bom conselho nos negocios da confraria, que elle só quasi representava. Tal era a confiança, que na sua

probidade e diligencia punham todos os collegas.

Demonstram o seu gosto e comprehensão religiosa as quatro estatuas, que mandou esculpturar pelos melhores artistas da cidade, e que ainda hoje adornam o lado direito do templo, com os nomes de *José d'Arimathea, Nicodemos, Centurião* e *Pilatos.* Não foram collocadas a capricho, n'aquelle logar, então superior ao velho templo.

Estudadas nos Evangelhos de S. Marcos e S. João, representam uma das commovedoras scenas que se seguiram á morte do Redemptor. *José d'Arimathea* vae pedir a *Pilatos* o corpo de Jesus para lhe dar sepultura: admirado *Pilatos* de que tão depressa tivesse Christo expirado na Cruz, pergunta-o ao *Centurião,* testemunha de vista, que confirma a morte, e dá então ao *Arimathea* e a *Nicodemos* o corpo de Jesus, que elles embalsamam com os perfumes da mirrha e do áloe.

Attestam a lendaria liberalidade, e largueza de vistas do insigne bemfeitor, as obras e construcções que com grande dispendio seu fez na parte mais escabrosa e dependurada do monte, a que hoje se

chama ainda *o terreiro dos Evangelistas, ou largo das tres Capellas.* Ahi, d'uma encosta ingreme formou um espaçoso *plateau,* adornado com quatro fontes viradas aos quatro ventos, e coroadas pelas estatuas dos quatro Evangelistas na acção de escreverem a tragedia do Calvario. Levantou tres elegantes capellas de forma octogona, como o largo, nas quaes se representam os mysterios do *Castello de Emaús,* da *Apparição da Magdalena,* e da *Ascensão de Christo.*

É este certamente um dos mais pittorescos e formosos pontos do monte do Bom Jesus. Parece que ali mais fundo nos impressiona o silencio da natureza. A alta ramaria das velhas arvores emmoldura as estatuas de pedra, e debruça-se ondeando sobre a abobeda das capellas. O rumorejar da aragem no arvoredo, e o sussurro constante e monotono da agua das fontes, augmenta-lhe a doce e a suave melancholia.

Detraz da capella do centro, que olha para os barrocaes do Gerez, gosa-se um panorama diverso, no tom e nas côres, de todos os outros.

A natureza arida, triste e descarnada

d'aquella montanha onde vôa a aguia e se acouta a cabra silvestre, forma um contraste vivo com as formosas e dilatadas campinas do poente. Os olhos, que pouco antes vagueavam distrahidos pelas mil bellezas d'um quadro largo e suavemente colorido, fixam-se demoradamente n'aquellas asperrimas alturas; e aos sonhos ligeiros da veleidade que nos prende o coração á terra, impõe-se o scismar severo do espirito, que nos eleva a alma para Deus.

Manoel Rebello da Costa, nascido em Braga, e filho de paes bracarenses, foi um dos mais respeitaveis negociantes e dos maiores proprietarios d'esta cidade, na segunda metade do seculo passado. Muitos dos seus parentes tem no *livro d'ouro* do Sanctuario escriptos os seus nomes como bemfeitores (XXVII). Todos os seus filhos seguiram a vida ecclesiastica; e um d'elles, *Agostinho Rebello da Costa,* prégador distincto, doutor em theologia, e cavalleiro professo de Christo, escreveu em 1789 um livro, enriquecido d'estampas e mappas, que será sempre consultado e lido com aproveitamento, por quantos quizerem conhecer minuciosamente a *historia do Porto, sua origem e antiguidades* (XXVIII).

Depois de larga, piedosa e intelligente dedicação ; depois de ter dispendido grossas sommas no engrandecimento do Sanctuario do Bom Jesus do Monte; venerado de seus filhos, e rodeado d'amigos, falleceu viuvo a 21 de março de 1771 : e jaz na egreja do Convento dos Remedios d'esta cidade, de religiosas franciscanas.

Resa-se por sua alma, de sua mulher e seus filhos, uma missa diaria no Sanctuario, para a qual dera em 1767, com essa condição, a quantia de *cinco mil cruzados.*

O seu nome, sempre escripto com louvor em todos os livros da confraria desde 4749 até 1771, lê-se em téla no retrato que a meza, 11 annos depois, mandára tirar e está na galeria dos bemfeitores, e em pedra na inscripção esborcinada, que o *tempo vae apagando,* mettida na parte posterior da fonte de S. Marcos, no largo dos Evangelistas, e diz assim :

ANO DE 1767 SEN-
DO ZELADOR
E BEMFEITOR
MANOEL RA
BELLO DA COSTA

Se a Providencia lhe tivesse dilatado por mais alguns annos a vida, veria este benemerito bemfeitor rasgar na terra inculta da montanha os largos e fundos alicerces do novo templo, e collocar n'elles — entre as alegrias do povo e as ceremonias da egreja — a primeira pedra para a sua fundação.

## SUA ALTEZA O ARCEBISPO D. GASPAR

### OS BREVES DE CLEMENTE XIV

### 1773-1774

A GRANDE perda que o Sanctuario soffrêra, com a morte do bemfeitor *Rebello da Costa,* tornára-se menos sensivel, pela diligencia e zelo da administração immediata.

Acompanhou esta, quanto lhe permit-

tiam as circumstancias, as louvadas tradições que legára aquelle benemerito cidadão. Conservou cuidadosamente o que estava feito, e continuou pouco e pouco o que estava começado. Mas não podendo dispender em obras mais do que uma pequena parte dos rendimentos, é claro que as não podia projectar nem novas nem dispendiosas. Procurou então um protector poderoso; e volveu os olhos para o paço archiepiscopal, em principios de 1773.

Era o senhor de Braga e primaz das Hespanhas um principe, filho de rei. Era *D. Gaspar de Bragança.*

O primeiro passeio, que S. A. dera, depois da sua entrada solemne em Braga, fôra ao Bom Jesus — havia treze para quatorze annos. Esperavam-no a meza encorporada, e muitas pessoas principaes da cidade.

Chegára Sua Alteza acompanhado de ministros, secretarios, capellães, e creados, e de toda a guarnição militar, n'essa occasião augmentada pelo regimento de Chaves que chegára do Porto. Entrára na capella principal, e estivera de joelhos sobre uma almofada de velludo, diante da Imagem de Christo Crucificado. Saindo,

vira diante de si um esplendido e immenso quadro, allumiado pelos raios descorados do sol do outomno no occaso.

Achára formosissimo o logar, e o Sanctuario digno da devoção dos fieis e do amor dos bracarenses; e dera d'esmola, para as obras, *oito peças d'ouro,* de 6$400 rs. cada uma.

Nunca mais ali voltára.

A estrada ingreme e esburacada da montanha não offerecia transporte commodo ao principe primaz. As suas carruagens pesadas pelo tamanho e pelos metaes mal poderiam ser puchadas, ladeira acima, por alguma das *vinte parelhas* de urcos e machos, que estadeavam nas cavallariças do paço — d'aquelle mesmo paço (XXIX), donde a mula *Aguia,* presenteada por *Pio IV* a Fr. Bartholomeu dos Martires, saía todos os dias a ganhar a ração, carregando pedra, tijolo e cal, para as obras do hoje extincto seminario de S. Pedro (XXX).

As liteiras eram mais proprias para viagem, do que para passeio de pessoas reaes; e por isso Sua Alteza deixára passar tantos annos sem voltar á — *nova Jerusalem* — reedificada.

A esperança, que a meza do Sanctua-

rio pozera na protecção do senhor *D. Gaspar,* nem foi fallaz nem fementida. Recebeu o insigne prelado o pedido, de boa sombra, e deferiu-o.

Informado de que não havia no Sanctuario *graças espirituaes* com que a Egreja costuma attrahir, beneficiar e enriquecer as almas dos peregrinos, romeiros e devotos — que visitam os logares consagrados á Paixão do Redemptor, ou a algum dos mysterios da religião catholica — prometteu interpôr o seu valimento diante do solio do summo pontifice.

Prometteu e cumpriu.

A meza da confraria mandou logo fazer o desenho do Sanctuario e capellas, dos edificios, *escadorios* e estatuas, e levantar uma planta do monte do Bom Jesus: e encarregou d'este trabalho Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante, de quem adiante fallaremos.

Fez uma petição humilde e reverente; juntou-lhe uma descripção minuciosa do Sanctuario; e descreveu a grande quantidade de devotos, que de todo o reino ali ia visitar aquelles *Passos da Paixão do Senhor.*

Sua Alteza attestou a verdade de tudo

com a sua assignatura, com a do seu provisor *Dr. Pinto Brochado,* e escrivão da camara ecclesiastica, padre *Alvares Salgado;* e particularmente rogou com o maior empenho a Sua Santidade Clemente XIV, abrissse em beneficio do Sanctuario e das almas dos fieis, que a elle concorressem, o preciosissimo thesouro das graças, indulgencias e privilegios.

A verdade da supplica, e os rogos do serenissimo arcebispo, encontraram no coração do summo pontifice a mais generosa e franca demonstração de paternal piedade.

Em 20 de julho d'esse anno, *Clemente XIV,* em tres *Breves,* datados de *Santa Maria Maior,* enriquecia o Sanctuario de singulares privilegios, e beneficiava as almas dos devotos com graças verdadeiramente excepcionaes.

Ao excessivo zelo de dous banqueiros de *lettras romanas,* Antonio da Silva Teixeira, que residia em Roma, e *Boaventura Maciel Aranha,* morador aqui em Braga (xxxi), se deveu a promptidão com que os famosos *Breves* foram expedidos da Curia, e chegaram ao poder da meza em 29 d'agosto d'esse mesmo anno de 1773.

Em agradecimento aos serviços prestados pelos *dous banqueiros,* mandou a meza escrever-lhes os nomes e os de todos os filhos, no livro dos irmãos *remidos.*

Como faltasse aos *Breves* o regio *exequatur,* foram elles remettidos á secretaria de estado dos negocios do reino, e de lá voltaram authorisados, chegando aqui em 24 de outubro de 1773.

O Sanctuario ficava com mais isenções e privilegios do que *S. Thiago de Compostella,* e os *Santos Logares de Jerusalem;* e os fieis com mais graças e indulgencias, do que os que gozaram as do Jubileu universal de 1769.

*Clemente XIV* excedêra *Alexandre III.*

Esta fausta nova foi recebida com as maiores demonstrações de regosijo religioso pelo serenissimo prelado, pela confraria e pelas ordens religiosas.

O senado da camara, todas as authoridades, os principaes da nobreza e do povo, e a cidade inteira, acolheram com festas ruidosas o feliz acontecimento. Os repiques dos sinos de todas as egrejas communicavam, e annunciavam aos povos visinhos, as alegrias da cidade. Durante tres noites de fogueiras nas praças, e de lumi-

narias em todas as janellas e torres, percorreram as ruas e campos de Braga quantos tambores, clarins, charamelas e atabales fôra possivel reunir.

A illuminação no Bom Jesus, na parte que olha para a cidade, foi deslumbrante pela quantidade de luzes mettidas em transparentes de côres variegadas. Diz uma *relação* manuscripta que temos á vista, que *parecia abrazar o monte um pavorozo incendio.*

Poucos dias depois, reunia-se a meza do Bom Jesus, e resolvia mandar imprimir uma NOTICIA *em cinco resmas de papel,* que annunciasse ao reino inteiro o *grande jubileu,* e as *infinitas graças e indulgencias,* concedidas ao Sanctuario pelo supremo pontifice (XXXII).

Não contente a cidade com as manifestações de jubilo que dera nos primeiros dias, preparou-se ainda para mais estrondosamente, e d'um modo que ficasse para sempre vivo na memoria e nas tradições religiosas do povo, ostentar a sua alegria, e expandir a sua gratidão.

Não ia ainda muito longe a apparatosissima procissão de triumpho mandada *compôr,* e celebrar pelo arcebispo *D. Gas-*

*par* em 1760, por occasião do casamento da sua parenta a princeza do *Brazil* com o infante D. Pedro; existiam ainda vivas muitas pessoas, que se lembravam das estrepitosas festas que tiveram logar no dia de S. João Baptista, em Junho de 1754.

Das mais antigas, famosas e celebradas, como foram as que Jacome Borges Pereira Pacheco pagára em 1728, quando servia de *Juiz* do *Sacramento* da Sé primaz, e das do arcebispo *D. Rodrigo de Moura Telles,* e d'outras ainda — porque Braga torna-se sempre notabilissima e original em espectaculos d'esta especie — ha descripções impressas e manuscriptas na mão dos curiosos colleccionadores.

Nenhum d'estes *modelos* satisfez os generosos e pios intentos da confraria e da cidade. Como as inexhauriveis paginas da Biblia, e da mythologia, offereciam vastissimo campo para satisfazer a moda do tempo, em combinações e *passos* extravagantes e caprichosos, resolveram submetter o PROGRAMMA da procissão ao homem mais entendido e fantasioso n'estes altos assumptos, que era o desembargador *Ignacio José Peixoto* (XXXIII).

As graças e os favores do grande Ju-

bileu, valiam bem, e mais ainda, que todas as manifestações de piedade, de reconhecimento e de regosijo.

Aos extremos do reino ía chegando a Noticia, mandada publicar pela meza administradora.

Em todas as portas das egrejas, e em todas as arvores das encruzilhadas dos caminhos, apparecia pregado o famoso papel, onde em lettras grandes se liam as principaes felicidades concedidas aos fieis de todas as edades, e de qualquer condição ou sexo, nos tres *Breves* de Clemente XIV.

N'essa Noticia, de que vimos um exemplar no archivo do Sanctuario — e é, provavelmente, de tantos o *unico* que existe, pelo que adiante diremos — summariavam-se habilmente os *Breves,* e deitava-se alto pregão, capaz de accender a chamma ardente da devoção nos peitos mais arrefecidos na fé, e nos corações mais transviados do caminho da virtude.

Os jubileus de *Roma, Loreto* e *S. Thiago,* não conferiam tantas graças; nem a visita aos *Santos Logares de Jerusalem,* ou ao *Sepulchro de Christo,* ganhava mais indulgencias.

No 1.º *Breve,* o principal dos tres, concedia Sua Santidade por 20 annos e em qualquer dia d'elles—a todos que contrictos e confessados commungassem na capella do Sanctuario, e orassem devotamente pela paz e concordia entre os principes christãos, pela extirpação das heresias e pela exaltação da Egreja—*uma geral e plenaria remissão de todas as suas culpas e peccados, por mais graves e enormes que elles fossem; ficando por este meio* SUAS ALMAS TÃO PURAS, E JUSTIFICADAS, COMO NA HORA EM QUE SEUS CORPOS SAIRAM DA FONTE BAPTISMAL.

# PLANO DAS FESTAS

## EDITAL DA MEZA CENSORIA

## PROHIBIÇÃO DOS BREVES

## 1773-1775

UANTO mais se alargava a Noticia, maior numero de romeiros e peregrinos, vindos do reino e de fóra, subiam a montanha e *visitavam* o Sanctuario, preparados para alcançarem as graças do Jubileu.

O grandioso projecto para as festividades commemorativas, e principalmente para a *procissão* de triumpho, já estava feito, approvado por todos, e applaudido pelo proprio serenissimo arcebispo; e a meza e a cidade preparavam-se para o desempenharem, tal qual fôra imaginado pelo seu insigne author. Os ricos e os pobres, as ordens religiosas e o clero secular, toda a gente emfim, contribuia espontaneamente para as grandes despezas das festas.

Os armadores, desenhistas, alfaiates, e *imaginarios* andavam atarefados no desempenho das suas obrigações. Só os carros triumphaes eram dez, representando jardins, montanhas, cidades, fortalezas, e outras cousas grandes, capazes de regalarem os olhos e moverem os corações. Figuras a pé e a cavallo mais de 200 — e cada uma d'ellas indo no seu logar proprio, e representando um papel importante na funcção.

A figura do Jubileu, montada em arrogante cavallo, é que devia ir na frente com uma trombeta d'ouro na mão. Seguia-se a *Europa,* a *Azia,* a *America* e a *Africa,* com muitos creados tambem a cavallo — e cada uma d'estas *partes do mundo,* e a sua comitiva, vestida ao uso dos seus paizes, e

levando nos rostos a côr de seus climas naturaes.

Havia danças de pretos e de ciganos, e lucta de mouros com christãos — ficando estes sempre vencedores — córos de martyres, de virgens, e de profetas: e atraz da *Arca da Alliança,* conduzida por sacerdotes de mitra, pedia o imaginoso author, que *seguisse o maior numero de homens, mulheres e rapazes, vestidos de judeus, figurando o povo de Israel protestando contra as astucias do diabo* (XXXIV).

Quando maior era o enthusiasmo dos infatigaveis devotos, encarregados do magestoso espectaculo; — quando maior era a anciedade dos fieis e dos curiosos, não só de Braga e da provincia, mas do reino todo, porque a toda parte d'elle fôra mandado o PROGRAMMA das festas do grande Jubileu; — chegou de rebate a esta cidade uma tristissima nova que, consternando profundamente todos os corações, irritára ao mesmo tempo — e profundamente — todos os animos.

=Não podiam ter logar as festas, porque os *Breves* que lhes eram causa, iam ser cassados e trancados na secretaria de

estado por ordem da rainha, dos seus ministros, e da meza Censoria!=

Imagine-se o effeito de tão inesperada e terrivel noticia. Não soffrêra dôr mais viva, nem maior espanto a cidade, quando — 19 annos antes — soube do tremendo terramoto que arrasára Lisboa.

Desde o paço do principe arcebispo até á casinha do mais humilde habitante de Braga, era egual o sentimento e egual o assombro. Nada houvera, que prenunciasse um decreto real, expondo assim á irrisão do mundo uma cidade inteira, e a vergonhoso anniquillamento o Sanctuario mais conhecido e visitado do reino.

Que tinham triumphado os inimigos da religião, pensavam e diziam muitos; mas que as portas do inferno não prevaleceriam contra ella, assim o sentiam e exclamavam todos.

Dias depois, era um famoso *Edital* da *Meza Censoria,* com data de 22 de abril de 1774, affixado por ordem superior nos logares mais publicos da cidade, e até na porta do templo do Bom Jesus do Monte.

N'elle — sob penas severas — se *mandava arrancar de todos os logares, por*

*imprudente, indiscreta, clandestina, e indigna* a Noticia, em que se annunciavam os tres *Breves* de Clemente XIV: e não só arrancar e distruir, mas obrigar ainda — sob as mesmas penas — á entrega de quantos exemplares existissem em mãos particulares, de qualquer condição ou jerarchia que fossem.

Os termos rudes, em que estava concebido todo o *Edital,* revelava a animosidade de quem o escrevêra em nome d'El-rei D. José.

São sete os *considerandos,* em que se funda este documento, que tanta perturbação e desgosto comsigo trouxe.

Conhece-se n'elle a intenção reservada de salvar da forte censura a pessoa do arcebispo, irmão do monarcha. Elle — que tivera a parte principal no conseguimento dos *Breves;* attestando, para a Curia romana, a verdade da representação da meza, e rogando particularmente a Sua Sanctidade deferimento á supplica; elle — que celebrára um *Te-Deum* solemne na Cathedral em acção de graças, por terem sido concedidos tão amplos e desejados privilegios; — apparecia no *Edital* limpo de toda a responsabilidade, isento de toda a cen-

sura, e como victima da piedosa fraude dos mezarios do Bom Jesus do Monte.

Condemnada publicamente a NOTICIA, por *indigna* e *clandestina,* estavam condemnados os *Breves,* por terem sido expedidos *ob e subrepticiamente* de Roma.

A NOTICIA fôra examinada *com particular cuidado e madura reflexão* — dizia o *Edital;* e achára a *Meza Censoria* os seguintes motivos para a fulminar:

= que os *Breves* haviam sido extorquidos em Roma a instancia do arcebispo, mas sem consentimento d'este, e sem informação sequer da supplica feita em seu nome;

= que a NOTICIA, concebida em termos indiscretos e imprudentes, fôra occulta e clandestinamente impressa no Porto, e espalhada por todo o reino, *sem as licenças necessarias,* e sem deixar vestigio nos livros do registro da *Meza Censoria,* ou no seu *Secreto,* onde se guardam todos os originaes;

= que tinha elle por fim convocar *tumultuariamente* no monte do Bom Jesus todos os povos do reino com a mira de *sordidos interesses pecuniarios, extorquidos aos que lá fossem:* chegando, para re-

ceber os romeiros, a prepararem-se hospedarias, que são *publicas estalagens e theatros de farças e galhofas, incompativeis com o culto divino, e com a piedade d'uma legitima e religiosa devoção;*

= que se sabia que imagens de Christo, dos apostolos e dos profetas, estavam n'aquelle monte misturadas com as *profanissimas* estatuas de *Ganimedes, Narcizo* e outras — formando todas uma *união indecorosissima e indecentissima;*

= que a Noticia deixára em profundo silencio e preterida a *Bulla da Cruzada; que suspende até as indulgencias maiores* concedidas a todas *as congregações ecclesiasticas, seculares* e *regulares do reino;* e finalmente que, para cumulo de tantas cousas extraordinarias, até se fizera *materia de confissão e de reserva os recursos ao juizo da Coroa, no mesmo identico espirito da abolida Bulla, chamada da Cea do Senhor.*

Taes eram os fundamentos, com que o famoso *Edital* de 22 d'abril de 1774 veio repentinamente acabar com as projectadas esplendidas festas, e pôr em imminente perigo a fama e credito do Sanctuario do Bom Jesus do Monte.

Os *Breves* foram mandados recolher á Secretaria do reino; mas ha d'elles copia no archivo da confraria.

Da Noticia, o unico exemplar que conhecemos, é o que possue o Sanctuario e se guarda ao lado do *Edital,* n'um grosso volume, onde estão chronologicamente reunidos todos os *breves, privilegios, concessões, provisões, authenticas,* e *sanatorias* vindas de Roma, da nunciatura, e da Secretaria do reino.

# NOVOS BREVES DE PIO VI

## DEMONSTRAÇÕES DE REGOSIJO

## 1774-1780

Os effeitos do terrivel *Edital* sentiram-se immediatamente ; porque a todas as partes, onde a devota diligencia levára a Noticia, iam elles egualmente chegando em virtude das ordens da justiça.

A breve trecho o Sanctuario, até então povoado de romeiros e peregrinos, começava a tornar-se um logar ermo e solitario. Ainda a 16 d'esse mesmo mez de abril congratulavam-se em sessão os mezarios *pelo grande concurso de gente que diariamente subia a gosar os beneficios dos Breves,* e apresentavam alguns projectos de melhoramentos; e passados poucos dias a posição d'esses mezarios era lastimavel, e o seu desanimo tocava o extremo.

O proprio arcebispo D. Gaspar, tão altivo e poderoso, não se atrevêra a arcar com a justiça do rei seu irmão: ou melhor, a contrariar as deliberações do *marquez de Pombal,* verdadeiro rei e arbitro do rèino.

Em tão lastimavel conjunctura, pareciam perdidas todas as esperanças de rehabilitação, e inuteis todos os esforços da piedade.

Felizmente appareceu um homem que mantendo valiosas relações, com a Curia, se offerecêra para obter de Roma remedio a tamanho mal. Fôra elle, que por essas relações conseguira já fazer expedir em poucos dias os *Breves* que tantas alegrias

causaram, e tanta consternação estavam fazendo. A promessa, e o valimento de *Maciel Aranha,* tranquillisaram um pouco a meza, que continuou no seu logar — embora desalentada e quasi succumbida.

Fez-se publico, que se esperavam em pouco tempo outros novos *Breves,* visto terem faltado áquelles certas formalidades, que as leis do reino exigiam, e das quaes não se podia prescendir sem quebra dos direitos da magestade. A cidade acreditou facilmente isto; mas os romeiros e peregrinos não vinham ao Sanctuario, e as esmolas — diminuindo dia a dia — não consentiam a continuação d'algumas obras começadas.

A noticia da morte do papa Clemente XIV, em 1774, serviu para explicar a demora que se ia notando, e contra a qual murmuravam os insoffridos: e mais se foi alargando a esperança em todos, quando se soube que o senhor *D. Gaspar* mandára fazer em Italia, por um notabilissimo esculptor, a imagem de Christo Crucificado, para sair na *procissão* que se celebraria, quando os novos *Breves* fossem concedidos e chegassem confirmados.

Com a ascensão de Pio VI ao solio

pontificio, em 1775, recomeçaram as negociações; ou antes, renovaram-se as supplicas da meza, as diligencias de *Maciel Aranha,* e as instancias do arcebispo primaz.

Em principios de novembro d'esse anno aportava a Lisboa, a bordo d'um navio genovez — vindo de Napoles — a imagem de Christo pelo prelado mandada esculpturar: e entrava no paço archiepiscopal aos 25 do mesmo mez, sendo benzida com todas as formalidades e ceremonias do ritual pelo proprio *D. Gaspar,* e em seguida collocada sob um rico docel, á espera do dia tão anciosamente desejado.

Pouco a pouco foi tomando pé a *esperança,* e revivendo a *fé,* em todos os que se interessavam pelo Sanctuario: até que em março de 1778 chegou a esta cidade a fausta nova, de que em 18 d'esse mez concedêra S. Santidade Pio VI tres *Breves* — tão amplos, tão cheios de graças e privilegios, como os que haviam sido concedidos pelo pontifice Clemente XIV.

A cidade vestiu-se de gala; e fez as mesmas demonstrações de regosijo, que *cinco annos antes* fizera por egual motivo. Reaccendeu-se logo a ideia de *festas sumptuosas,* e de se desempenhar agora o fa-

moso PROGRAMMA do desembargador *Ignacio José Peixoto.*

Achava-se na côrte o serenissimo arcebispo, quando os *Breves* deram entrada na secretaria dos negocios do reino; e elle mesmo diligenciou obter o mais breve possivel o regio *exequatur.*

Era fallecido seu irmão o rei *D. José,* e reinava sua sobrinha *D. Maria I.* O grande marquez estava desterrado em Pombal. Vencidas pequenas difficuldades, foram os *Breves* publicados e annunciados com todas as formalidades, em maio de 1779; assim como um pouco mais tarde o foram outros, que a paternal liberalidade pontificia — ainda n'esse anno — concedêra ao Sanctuario a instancias da meza, e dos cidadãos mais qualificados da cidade.

Os mezarios, tendo determinado celebrar as *festas do Jubileu* em setembro, reuniram-se frequentes vezes sob a presidencia do juiz, o conego capellão e fidalgo da Casa Real *José da Fonseca e Castro,* homem de dinheiro e devoção; e nos termos da meza, em 6, 11, 16, e 30 d'agosto, não se tratára se não do modo porque mais brilhantes se haviam de representar as festas do *grande Jubileu.* Offereceu-se

o juiz para fazer á sua custa as despezas com o triduo, que em acção de graças se havia de celebrar na cathedral, para onde no dia 8 foi processionalmente conduzida do paço a imagem de Christo Crucificado.

Da magnificencia d'essas festas — que duraram tres dias e tres noites, e chamaram a esta cidade milhares de forasteiros de todo o reino — conserva-se noticia em relações mss. da epocha, assim como da famosa e celebre *procissão,* de que já n'esta MEMORIA nos occupamos.

## RESOLVE-SE A EDIFICAÇÃO DO TEMPLO ACTUAL

### 1779-1784

A PUBLICIDADE que se dera a todas as graças contidas nos *Breves;* a fama que ficára das festas, e a devoção crescente dos fieis; abriram para o Sanctuario um periodo de nova e verdadeira prosperidade.

A meza pagou logo em janeiro de 1780 a divida de gratidão em que estava para com o pontifice *Pio VI,* e arcebispo *D. Gaspar,* mandando collocar os seus retratos entre os mais graduados bemfeitores do Sanctuario.

A egreja edificada por *D. Rodrigo de Moura Telles* tornava-se de cada vez mais acanhada, e mais incapaz de conter uma parte dos muitissimos romeiros e peregrinos, que em dias festivos desejavam assistir aos officios divinos. De mais a mais era mal construida; annunciava ruina proxima; e o logar em que estava levantada, não soffria ampliações.

Foi então, que alguns mezarios começaram de fallar na construcção d'uma nova egreja de grandes proporções — d'um templo vasto, onde se desse ao culto o maximo esplendor: mas a ideia não achava echo na maioria dos collegas.

Quando se votava em meza alguma quantia para concertos e reparos da *capella principal,* cujo estado os exigia frequentemente — havia sempre da parte d'aquelles, quem lastimasse o dinheiro dispendido com a velha egreja — porque, diziam elles, havia de ser demolida por força.

O juiz que havia sido reeleito, declarou que por *causas urgentes* não podia continuar a exercer o cargo; e fôra substituido pelo conego *Antonio Xavier Rebello,* a quem não desagradava a ideia da nova edificação. Os mezarios que insistiam n'ella, congratulavam-se pela eleição do novo juiz; e não perdiam ensejo de inculcar e fazer amadurecer a sua ideia, ora fallando no augmento progressivo das esmolas, ora no estado lastimavel da egreja.

Servia-lhes até d'argumento o valiosissimo presente, que pouco antes o senhor *Maciel Aranha* fizera ao Sanctuario, dando-lhe um grande *relicario* com innumeras e authenticas reliquias de Santos: o que tudo despertava mais a devoção, e augmentava a concorrencia.

Conseguiram mandar vistoriar a egreja, por deliberação da meza; e os peritos declararam por escripto, que a abobada abatêra pelo desaprumamento das paredes pouco grossas, e assentes em barro; e que não havia meio de a segurar, senão levando a reedificação até os alicerces.

Votou-se finalmente — em termo de meza de 22 de junho de 1780, confirmado pelo de 1 de julho — a edificação da nova

egreja; e votou-se mais, que fossem chamados homens competentes para a escolha do logar, e se convidassem *pessoas intelligentes de riscos e obras,* para apresentarem em *papel á parte* — e *sem saberem uns dos outros* — os desenhos da egreja, e o orçamento da despeza. E foram especialmente recommendados dous nomes — o de *Paulo Vidal,* mestre pedreiro, e o de *Carlos Amarante* — architecto-engenheiro.

A noticia d'esta deliberação espalhou-se rapidamente: e appareceu logo entre os irmãos da confraria, e outros que o não eram, quem lhe declarasse *opposição* forte e aberta. A meza teve porém a prudente e habil precaução de pôr de seu lado o *serenissimo arcebispo,* que foi ao logar, e recommendou a *Carlos Amarante* — que estava presente — tirasse um *risco perfeito* para a nova egreja, *destinando-a para cima do paredão, que estava por detraz da egreja velha.*

No fim d'alguns mezes — em 22 de junho de 1781 — foram apresentados *diversos desenhos,* conforme o convite da meza; e todos em seguida *foram* sugeitos á approvação de Sua Alteza. Entre estes, appareciam os do distinctissimo filho d'es-

ta cidade *Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante,* e do entalhador bracarense *João Bernardes da Silva,* da rua do Anjo.

Quando se fez publica a grandeza d'alguns d'esses *desenhos,* e em especial a do projecto do engenheiro *Amarante,* a opposição subiu de ponto; e começou em pequenos conciliabulos a murmurar do arcebispo, e a levantar embaraços de toda a ordem. Era o thema então, *que era temeraria a resolução da meza, e perigozo o conselho do prelado, porque não havia meios para tão grande obra: — que ia ser sacrificado imprudentemente o porvir do Sanctuario: — que ao capricho de administradores temporarios não deviam estar sujeitos os destinos futuros da confraria: — que declarasse o arcebispo com quanto contribuia por anno: — que era indispensavel reunir uma junta d'irmãos para annular a insensata deliberação: — e resolver emfim que se fizessem obras na egreja velha.*

Muitas outras rasões analogas augmentavam diariamente o numero dos descontentes; porque nenhuma ideia — por mais extravagante que seja — deixou jámais de conquistar adeptos e seguidores, scientes ou inconscientes.

*Hoje* como *hontem*: á *mànhã* como *sempre*.

A meza, firme e impassivel, não attendeu as reclamações dos zelosos devotos e confrades: e decidiu em sessão requerer ao arcebispo *dispensa no Estatuto, para obviar ao ajuntamento da confraria, e evitar barulhos e outras cousas semelhantes*.

O requerimento teve o seguinte despacho, em 12 de setembro: — CONFIRMAMOS O ACCORDÃO DA MEZA.

A esse tempo, já se havia começado a preparar o terreno, e a abrir os alicerces da *nova egreja*: para o que tinham sido offerecidos valiosos donativos.

Como fôra resolvido, que só d'esmolas se fizesse a obra, e se não tocasse no capital, nem se diminuissem as despezas costumadas, tratou a meza de obter *licença regia* para as pedir por todo o reino — o que conseguira pela *provisão* de 24 d'outubro de 1781.

O arcebispo *D. Gaspar* concedêra tambem licença aos lavradores, jornaleiros e officiaes — que quizessem trabalhar de graça nas *obras da egreja*, para nos domingos e dias santos o podêrem fazer, sem

encorrerem nas censuras dos parochos ou da justiça.

Com o inverno pararam as escavações e terraplênos, e continuaram na primavera do anno seguinte.

Vivia por esse tempo no convento do Carmo, em Vianna, o frade *Luiz de Santa Thereza,* que era tido em todo o reino por um engenheiro notavel, e homem de apurado gosto: e querendo a meza, contra a qual havia ainda uma corrente forte, saber a sua authorisada opinião ácerca do projecto da *egreja* e dos *escadorios,* rogou-lhe viesse a esta cidade para vêr o local, e examinar as *plantas* e *desenhos.* O frade veio, approvou a escolha do local, teceu grandes elogios ao author dos *projectos,* e deixou por escripto o seu valioso parecer, o qual se conserva no archivo da confraria.

Quando recomeçaram os trabalhos, já a meza havia obtido mais uma *provisão* regia, em 20 de fevereiro de 1782, concedendo licença para pedir esmolas para as obras, no Brazil e em todas as possessões ultramarinas.

Apezar porém dos relevantes serviços, e corajosa dedicação dos mezarios, não

lograram estes, sob a presidencia do benemerito bemfeitor, *Dr. Francisco Boaventura Maciel Aranha,* fazer a inauguração solemne e official do novo templo. Um decreto de Sua Alteza o arcebispo — dispensando nos *Estatutos*—nomeára em maio de 1784 nova meza, dando-lhe por juiz *Pedro Borges Pacheco Pereira,* fidalgo cavalleiro da Casa Real, e senhor da casa nobre de Inflas aqui em Braga (XXXV).

Não podémos descortinar os motivos, que levaram o serenissimo arcebispo a proceder tão authoritariamente — ou talvez melhor, tão ingratamente. Não encontramos documento algum, que nos esclarecesse n'este ponto escuro, aliás de importancia no caso. Se havia receios de tumultos, ou de escandalos na eleição; e se a meza administrára com zelo, intelligencia, e a contento de Sua Alteza, os negocios da confraria; bem podia ser ella reconduzida, em vez de ser expulsa por tal decreto.

Como quer que seja — cinco dias depois de tomar posse a nova meza, eram examinados por dous mestres pedreiros, e pelos architectos *Carlos Amarante* e *Calheiros de Magalhães* (XXXVI) os *novos alicerces*—cuja largueza, profundidade, e qua-

lidade do solo—foram julgados capazes de sustentarem pelo tempo além o grandiosissimo pezo do novo edificio.

Aos 27 de maio de 1784 resolvia por unanimidade a meza, que fosse na *ultima oitava* do Espirito Santo, em 1 de junho seguinte (xxxvii) lançada a primeira pedra no alicerce, por mão do muito reverendo e respeitado provisor, o *Dr. Pedro Paulo de Barros Pereira* (xxxviii), expressamente convidado para esse fim.

# INAUGURAÇÃO

## PRINCIPIO E FIM DO TEMPLO

### CARLOS AMARANTE—E PEDRO JOSÊ DA SILVA

### 1784-1811

RAIÁRA a alvorada do dia *1 de junho.*

Na vespera, illuminára-se a cidade inteira ; e de todas as arvores do monte do Bom Jesus pendiam, como de collossaes candelabros, innumeras luzes.

Nos ramos mais altos das carvalhas e dos platanos; no vertice dos obeliscos e nos corucheos das capellas; tremulavam bandeiras e flammulas de côres variegadas, parecendo acenar e chamar para lá os povos á festa.

Ainda havia estrellas no ceu, e já na pequena torre erguida sobre o mesmo rochedo, onde hoje se vê a estatua equestre do *Longuinhos* (XXXIX), repicavam ruidosa, e festivamente, os sinos e as garridas (XL).

Ao nascer do sol, grande quantidade de povo das aldeias subia alegre por todos os caminhos e atalhos do monte. Grande parte dos habitantes da cidade, tambem para ali se dirigia. A uns, movia-os a devoção; a outros, a curiosidade.

Aos que conheciam a grandeza do edificio *pela grandeza do projecto* — a esses, impellia-os o espanto de vêrem com os olhos, que a terra tinha de comer, iniciada uma *obra temeraria* por dispendiosa.

Até a velha egreja, amparada por grossas vigas de castanho para não cair, estava vestida de festa. Cobriam-lhe as rugas, da velhice precoce, fartas laçarias de flores, entremeadas d'odorifero rosmaninho.

Faziam sentinella aos fundos alicerces, enfeitados de bambolins, de galhardetes, e de festões de alecrim e murta, duas cerradas alas de operarios, apoiados ás suas largas enchadas e aguçados alviões. Todos estes obscuros homens, em cujo rosto se lia intima e real satisfação, haviam trabalhado gratuitamente, e por devoção, nos dias em que poderiam descançar das fadigas da semana.

Quando á frente da meza, e de muitos confrades e convidados, appareceu o reverendo provisor *Pedro Paulo de Barros Pereira,* tendo á direita o juiz *Pedro Pacheco* e á esquerda o engenheiro *Carlos Amarante;* e quando os foguetes, os repiques e as musicas, annunciaram que ia começar o acto da BENÇÃO E ASSENTAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA — toda aquella mole immensa de povo se descobriu respeitosamente, até terminar a ceremonia, no fim da qual houve festa em acção de graças na egreja velha.

CARLOS LUIZ FERREIRA DA CRUZ AMARANTE, author do PLANO E DESENHOS DO

TEMPLO do Bom Jesus, e ESCADORIO DAS VIRTUDES, é filho d'esta cidade de *Braga* — em todos os tempos berço illustre de artistas distinctos, de escriptores notaveis, e de varões illustres.

Nasceu na rua de *Santo André,* aos 30 d'outubro de 1748 (XLI): e foi baptisado na egreja de *S. José de S. Lazaro,* sendo padrinho o conego *Carlos Luiz d'Araujo,* que então morava na rua dos Pelames. Sua mãe, *Maria Josefa Rosa,* era bracarense; e seu pae *Manoel Ferreira da Cruz,* natural da villa d'Amarante — donde trouxera o appellido que honrára, e seu filho ennobrecêra.

Viera a Braga cursar estudos para padre; mas a meio caminho despira a batina, largára os livros, e casára: abrindo logo depois uma aula de *musica,* no que era artista de merito.

Foi de certo a essa prenda da *musisica,* que devêra a protecção que o arcebispo *D. Gaspar,* grande apreciador d'esta nobre arte liberal, lhe dera com largueza — despachando-o escrivão do *Registro geral,* e empregando-lhe os filhos *José,* sacerdote — e *Antonio,* negociante, na camara ecclesiastica.

Morreu velho aos 3 de dezembro de 1796, morando então no campo de D. Luiz I, na casa que tem hoje o n.º 8—e pertence a *José Joaquim Dias Pereira* — ao pé do extincto seminario de S. Pedro: e jaz sepultado na egreja do Carmo (XLII).

*Carlos Amarante* frequentára os mesmos estudos que seu pae; mas como elle trocára tambem o sacerdocio pelo casamento — recebendo por espoza na egreja de S. Victor, em 28 de novembro de 1771, a *Luiza Thereza* (XLIII), filha do mestre espingardeiro que então passava por ser o PRIMEIRO no seu genero, no qual aliás Braga se tornára notavel desde o reinado de *D. João I.*

Desde creança revelára *Carlos Amarante* pronunciadissima vocação para o *desenho;* e já como estudante (XLIV), em vez d'empregar-se exclusivamente no *latim* de *Tito Livio* ou nos *casos* de *Sanches,* debuxava e coloria trabalhos mimosos e originaes, que dava umas vezes aos condiscipulos, ou vendia n'outras ao desbarato.

Dotado, pela natureza, d'um talento privilegiado para a nobilissima arte de *Vitruvio* e *Affonso Domingues,* não passaria nunca d'um *curioso* distincto, se a protec-

ção de Sua Alteza primaz lhe não viesse em auxilio — nomeando-o *porteiro* da sua real camara, e mais tarde proprietario d'um dos officios de *escrivão* do auditorio ecclesiastico (XLV).

Vivendo no paço d'um arcebispo — que era principe e tinha grande predilecção por todos os talentos artisticos — *Amarante* encontrára os meios necessarios para completar com o estudo os dotes naturaes: chegando a ser pelo tempo adiante um dos *engenheiros* mais distinctos de Portugal, perpetuando o seu nome nas pedras de famosos edificios d'architectura civil e religiosa, e em grandes *projectos* d'obras reaes, que os melhores engenheiros da actualidade guardam como joias de subido valor (XLVI).

De todas as manifestações do genio d'este illustre bracarense, é de certo o TEMPLO do Bom Jesus — e o PLANO GERAL das obras que ali *se deviam ter feito* — aquella em que elle pozera mais amor e mais coração.

Com pouco mais de 30 annos, sem ter ainda attingido pelo estudo e madureza o grau de perfeição artistica e scientifica, a que mais tarde chegára, conseguiu no seu

arrojado *projecto* deixar não somente pago, no mais fino ouro do seu talento, a divida de gratidão ao primaz das Hespanhas, mas para sempre assignalado um seu triumpho — sobre todos os grandes e pequenos *insignificantes,* que se haviam opposto na sombra e na luz — a torto e a direito — á ideia da edificação, no monte do Bom Jesus, d'um novo e magestoso TEMPLO, consagrado a Christo no Calvario.

Não se limitára *Amarante* a entregar os *desenhos completos* da sua ideia aos cuidados da meza administradora, nem a comparecer apenas no momento da *grande festa,* em que caía nos alicerces a PRIMEIRA PEDRA da fundação.

Em quanto estivera n'esta cidade, e aqui vivêra, foi elle sempre o engenheiro, o architecto, o mestre, o operario gratuito da obra.

E premiara-o Deus por isso, dando-lhe vida para em 1811 — 27 annos depois — quando o reino o considerava como o mais abalisado engenheiro; e quando pelos seus merecimentos vestia a farda de *capitão* do *Real Corpo de Engenheiros;* vêr realisada em pedra na sua patria ter-

ra — desafiando as edades vindouras — a ideia que 30 annos antes lhe agitára o cerebro e opprimíra o coração, ao traçar no papel as primeiras linhas do seu momentoso delineamento.

A Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante, deve esta cidade gratidão profunda; e o Sanctuario do Bom Jesus, uma divida que não pagará nunca.

Jaz na *sua* egreja da Trindade no *Porto*, onde morrêra com 67 annos, em fins de janeiro de 1815, da repetição d'um attaque de paralysia.

Alguns dos seus parentes, filhos d'esta cidade, morreram na flôr da edade, quando as lettras e a patria mais esperavam das suas virtudes e talentos (xlvii).

Não fecharemos estas linhas, sem dizer ainda, desacompanhados de considerações, que *Carlos Amarante* pedíra em novembro de 1812, á confraria do Bom Jesus, a quantia de 60$000 rs. a juro de 5%; e que apparecendo em outubro de 1815 seu filho para resgatar a divida do pae, já fallecido, a meza — *attendendo aos grandes serviços prestados por Carlos Amarante, resolvêra perdoar-lhe os juros em divida, e receber o capital* (xlviii).

As obras do NOVO TEMPLO, tendo principiado pela parte da capella-mór, para que mais cedo houvesse onde celebrar-se o culto divino, continuaram sempre com mais ou menos obreiros, conforme o producto das esmolas do reino e das subscripções do ultramar; visto que nenhuma outra quantia lhes podia ser applicada. O senado da camara veio tambem em auxilio das obras, concedendo á confraria — em agosto de 1785 — *uma corrida de touros:* divertimento já pouco vulgar por aquelle tempo, mas que fôra muito da moda, quando o serenissimo *D. José* governava a diocese, e das janellas do seu paço que davam para o *Campo dos Touros* — hoje praça municipal — assistia aos boleus triumphantes dos bandarilheiros, e ouvia os mugidos dolorosos dos bois ensanguentados.

A novidade do espectaculo levára muita gente á praça; e o beneficio deu á confraria, livre de todas as despezas, a quantia de 140$000 rs.

Os que se haviam opposto á nova edificação, não só se negavam a concorrer com esmolas suas, mas empenhavam-se em

impedir a devoção e a generosidade dos outros. Entre estes tornára-se saliente um *merceeiro,* que gritava por toda a parte contra a imperfeição do *risco*—o desprezo da meza—e o despotismo do prelado.

Mas a obra lá ia proseguindo sempre; e dos alicerces cheios de grandes pedras —muitas d'ellas conduzidas por 3 e 4 juntas de bois—começavam a subir as largas paredes, principalmente do lado da capella-mór.

Uma difficuldade, que nem o architecto nem a meza podiam remover, appareceu então. As columnas gigantescas, para a frente do templo, deviam ser inteiras; e por força o devia ser tambem o architrave que tinha de pousar entre a 2.ª e 3.ª, —na porta principal do edificio.

De nenhum dos muitos penedos do monte, todos do *granito porphyroide* usual, se poderiam extrahir pedras de tamanhas dimensões; e nem ainda extrahidas serviriam, pela sua especial qualidade, para obra de tamanho primor.

Alguns mestres *pedreiros* correram os montes e devezas proximas; mas as primeiras pesquizas não deram resultado favoravel. Foram todavia mais longe, até que

encontraram o que procuravam: e vieram então annunciar á meza — que immediatamente o annunciára ao architecto — que na frèguezia de *S. Bento de Donim,* no logar de *Chão de Felgueiras,* havia um grandissimo penedo que o povo conhecia pelo nome de *penedo negro,* do qual pela sua qualidade e grandeza se poderiam arrancar pedras de 30 palmos de comprido, [6 metros e 6 decimetros], e grossura correspondente.

Esta noticia foi recebida com grande satisfação; e passados 20 dias estava plenamente confirmada.

Vencida esta primeira difficuldade, apresentára-se logo outra. Como era que seriam conduzidos esses blocos enormes, por caminhos abarrancados? e como subiriam elles as ladeiras ingremes do monte?

N'isto pensaram d'espaço os entendidos: e tendo-se offerecido o vigario de S. Victor d'esta cidade, *Bernardo Francisco de Sá,* para arranjar quantas juntas de bois fossem necessarias, tentou-se o transporte da *primeira pedra.*

Collocada sobre um carro feito expressamente para o intento; e tapados os barrancos mais fundos dos caminhos; *44*

*bois* a conduziram. Mas no fim de 6 dias de grandes fadigas, tendo sido apenas conduzida até á proxima freguezia de *Sobreposta*, ahi a deixaram ficar os carreiros e pedreiros, completamente desanimados, e convencidos da inutilidade dos seus esforços (XLIX).

A meza é que se não deu por vencida. Annunciou por *editaes,* que contractaria o transporte das *quatro pedras,* com quem se responsabilisasse a pôl-as no logar em que haviam de ser lavradas. Appareceram *Antonio José da Silva,* da rua do Souto, e *José de Barros,* carpinteiro da freguezia de S. Pedro d'Éste, que mediante o ajuste de 400$000 reis se obrigaram a tudo por escriptura. Pela exorbitancia da quantia, n'aquelle tempo, podem calcular-se quaes e quantas difficuldades havia a vencer e destruir. Ignoramos os meios que os contractantes empregaram para cumprir o contracto; mas sabemos que em janeiro de 1787 recebiam elles o preço ajustado, menos 18$000 reis, que offereceram d'esmola para as obras.

Em 2 de julho d'esse anno, era levantada a *primeira columna,* e collocada no seu logar; a *segunda,* no dia 4, e a *tercei-*

*ra* e a *quarta* no dia 9 do mesmo mez, sem accidente algum desagradavel — e no meio da alegria da meza, do architecto, e de muitos curiosos, que se reuniram para vêr guindar — por apparelhos descommunaes — tão grandes e pesadas pedras.

Digamos já, que *nove mezes depois* de terem chegado as *columnas,* chegava tambem o *architrave,* tendo sido umas e outras tiradas do mesmo *penedo negro,* como lhe chamava o povo (L).

A despeza extraordinaria, feita com estas *pedras,* obrigara a meza a suspender as obras, *sob o pretexto apparente da aproximação do inverno.* Na primavera seguinte continuaram vagarosamente.

O pouco cuidado, com a *egreja velha,* apressára-lhe a ruina. Foi necessario, para ahi continuar o culto, abater a abobada em 1788, e fazer-lhe um telhado leve, que não desconjunctasse as paredes desaprumadas e fendidas.

Annos depois, eram essas paredes demolidas; e dos seus alicerces voltavam á luz do dia o brazão de *D. Jorge da Costa 2.º,* e a lapide de *D. João da Guarda,* ali enterradas — e ainda bem — pelo benemerito arcebispo *D. Rodrigo de Mou-*

*ra Telles,* cuja egreja desapparecia para sempre.

Iam proseguindo as obras, mas tão lentamente, que muitos de boa fé começavam a crêr, que jámais se completariam. Alguns mezarios, desanimados, haviam resignado os cargos — sob pretextos frivolos. *D. Gaspar* já estava, havia muito, enterrado na capella-mór da Sé; e o juiz *Pedro Borges* fallecêra tambem, sendo substituido por seu irmão *Lourenço Borges,* caracter egualmente honrado, mas espirito timido.

Foi nos momentos de mais apêrto, e mais desalento, que um filho de Braga abrira de longe a bolsa generosa, e estendêra á meza a mão amiga. Esse homem, a quem dedicaremos em breve algumas linhas, chamava-se *Pedro José da Silva.*

Desde que o seu nome apparecêra pela primeira vez, resplendeceu durante 32 annos com o mesmo brilho do primeiro dia. Generoso, devoto e vigilante, accudiu ao Sanctuario com dinheiro, resolvendo com prudencia todas as difficuldades; dirimindo avisadamente todas as discordias; e impondo até a sua vontade, quando isso entendia acertado e conveniente.

Começou por pagar a 14 operarios, que trabalharam muitos annos diariamente á sua custa: e depois, quando o projecto do retabolo da capella-mór —desenho de *Carlos Amarante* — estava para ser regeitado por muito dispendioso, offereceu-se para dar metade da quantia necessaria. Ulteriormente, em seu nome e no dos seus amigos, concorreu com mais 50$000 reis por semana, para ferias e jornaes d'artistas e operarios da obra. Um pouco mais tarde elevou o numero dos 14 operarios a 30; e passado menos d'um anno, mandou entregar 4$000 cruzados (LI). E sempre pelo tempo adiante — até 1834 — raro é o *termo de meza*, em que se lhe não mencionam presentes de dinheiro, d'imagens e figuras, de joias d'ouro e prata, d'alfaias de damasco e velludo: e ainda depois da morte lhe avulta o d'um legado importante.

Dizia o povo, que *Pedro José da Silva* promettêra ao Bom Jesus uma parte dos lucros de todas as suas transacções commerciaes.

Ignoramos, se o dito do povo tinha fundamento. O que sabemos, é que elle punha o melhor das suas esperanças na protecção divina; porque em Julho de 1813

rogava de Lisboa á meza fizesse preces no *templo,* pedindo ao Bom Jesus lhe deixasse chegar a salvamento o seu navio *Santa Cruz,* cuja demorada viagem da India lhe annunciava naufragio, e com elle a perda de cabedaes e vidas. No mesmo mez, entrava o navio *Santa Cruz* a barra de Lisboa; e subia Tejo acima, abarrotado de mercadorias orientaes.

Está commemorado este *milagre* no *quadro* mais valioso que possue o Sanctuario, devido ao pincel de *Sequeira,* primoroso pintor portuguez, e um dos primeiros do seu seculo na arte.

A *ultima pedra* do TEMPLO foi collocada pelo seu *primeiro bemfeitor,* em 20 de Setembro de 1811.

Se *Carlos Amarante* foi a ideia, e a alma do TEMPLO; foi *Pedro José da Silva* o braço poderoso, que lhe dera corpo e realidade. O pensamento d'aquelle, sem o auxilio d'este, não teria passado d'um sonho d'artista.

A obra iniciada, como que á ventura e a medo, teria ficado incompleta: e é pro-

vavel que sujeita a successivas modificações, impostas por innumeras circumstancias, nos apparecesse hoje mutilada, truncada, e muito diversa da que fôra imaginada, e traçada por aquelle formosissimo talento.

*Pedro José da Silva,* filho d'honrados paes — *José da Silva* e *Izabel Ferreira* — nasceu em 1758, na freguezia de *S. Jeronymo de Real* — suburbios de Braga — *dez annos* depois de ter nascido *Carlos Amarante.*

Escolhendo a vida commercial, foi de tenra edade para Lisboa, onde com o andar do tempo chegára a possuir uma das maiores casas, que então commerciavam em navios proprios directamente com a India. Feliz, intelligente e honrado, não só grangeára grossos cabedaes, mas a consideração e amisade dos homens mais importantes da côrte de *D. Maria I,* e do principe regente *D. João VI.*

Profundamente catholico, tornára-se o mais generoso e sincero bemfeitor do Sanctuario.

Em todas as cartas, que para ali dirigíra — e se conservam no archivo — revela-se a simpleza do coração, e a pureza

dos sentimentos religiosos, d'aquelle illustre filho do povo. Os seus constantes donativos são sempre modestamente feitos : e quando censura alguns actos das administrações, emprega uma linguagem branda e delicada — que nem sempre produzíra o effeito que desejava. A brandura porém, do seu caracter, não excluia a energia da sua convicção.

Compenetrado de que uma das administrações do Sanctuario não cumpria zelosamente as suas obrigações; abandonava os interesses da confraria, e applicava mal as esmolas dadas para as obras do novo templo ; aconselhou, pediu, rogou, e por ultimo ameaçou. Teve porém a lealdade de mandar — *por copia* — á meza, o que tencionava fazer se as suas admoestações não fossem ouvidas, e os seus conselhos seguidos. Perdida toda a esperança da emenda, recorreu então a meios decisivos, para attestarem não só o seu amor pelo Sanctuario, como a sua importancia e valimento na côrte. Requereu ao Principe Regente, *contra a negligencia e os abusos praticados por essa meza :* e pediu, *para que fosse expulsa, apesar de quaesquer obstaculos, que podessem succeder.*

O deferimento real a este *requerimento* foi um *decreto,* no qual era demittida a meza e substituida por outra, cujos nomes vinham ahi já exarados, sendo o principal, *e como tal nomeado juiz, o marquez de Marialva.*

De modo que *Pedro José da Silva,* não foi simplesmente um devoto generoso, confiante cego no zelo de qualquer meza administradora; mas uma sentinella viva dos interesses do Sanctuario, e um fiscal escrupuloso de todos os que haviam concorrido com offertas—muitas das quaes elle proprio agenciára com a sua dedicação indefessa — para o acabamento do TEMPLO.

*Pedro José da Silva* trocára na velhice o bulicio de Lisboa pelo socego da sua *aldea bracarense.* Passou os ultimos annos da vida no mesmo logar, onde nasceram e morreram seus paes, até que fallecêra solteiro em 17 de março de 1834. Jaz na egreja de S. Fructuoso (LII).

A raros concede a sorte esta derradeira felicidade. Frequentes vezes entre o berço e a sepultura se interpoem reinos e povos estranhos: e feliz é aquelle, que depois de longa vida e longa ausencia da patria, vem fechar para sempre os olhos no

mesmo canto da terra, onde pela primeira vez os abrira — dormindo então ao lado de seus paes, e á sombra da mesma cruz, o somno inquebrantavel da eternidade.

A *meza* não suffragou a alma do *primeiro bemfeitor* do Sanctuario; nem dos seus *termos* consta demonstração alguma de sentimento pela sua morte.

É certo, que um só *termo* se lavrára *n'esse anno,* talvez porque as perturbações do tempo não permittiam maior dedicação pelos interesses do Sanctuario. Mas se os *mezarios* soubessem, que nem em 1808 e 1810, quando as *hostes francezas* invadiam, assolavam e saqueavam este reino, deixára *Pedro José da Silva* de ser o mesmo sollicito e dedicado devoto e bemfeitor — talvez resolvessem mandar dobrar por elle os sinos a defuncto — aquelles mesmos *sinos,* que elle presenteára de Lisboa.

E por essa occasião solemne, talvez tambem dissessem a algum dos capellães do TEMPLO, que rezasse uma missa pela alma do *primeiro dedicado amigo,* que tivera o Bom Jesus do Monte.

Que essas *pedras,* em que vão agora apparecer a par insculpidos os nomes de *Pedro José da Silva* e *Carlos Amarante* — em tão solemne e faustosa occasião — encubram para sempre o ingrato esquecimento de *duas gerações.*

Que essas *pedras* façam reviver, na memoria de todos, o *genio* e o *talento* d'um, e a *generosidade* e as *virtudes* d'outro — e apregoem aos vindouros, que a ambos se deve o *delineamento* e a *edificação* do TEMPLO do REAL SANCTUARIO — o mais venerado e frequentado do reino.

# FACTOS E OCCORRENCIAS NOTAVEIS

## 1812-1877

A COLLOCAÇÃO da *ultima pedra* no TEMPLO, em setembro de 1811, não quer dizer senão que se tinham descido os andaimes exteriores; que estavam concluidas as torres e as paredes; unidas as cornijas e fechados os telhados; resguar-

dado emfim, das invernias e dos soes, o edificio inteiro.

A ornamentação interior não era ainda começada, á excepção de parte da capella-mór, onde desde annos se celebravam as festividades na fórma dos *Estatutos*. As voltas e hombreiras de todos os arcos estavam em ôsso. Nos altares lateraes não havia talha, nem imagens de vulto, nem quadros. Os sinos principaes da torre do norte, offerecidos por *Pedro José da Silva,* tinham saido da fundição, mas não tinham saido de Lisboa. Apenas na do lado do sul se viam e ouviam os que em 1766 *Manoel Rebello da Costa* offertára á *egreja velha*. As goivas dos sambladores e entalhadores não haviam ainda substituido os cinzeis dos pedreiros.

Estava feito muito, mas faltava muito para fazer.

*Pedro José da Silva,* continuando de Lisboa com a sua inquebrantavel e generosa sollicitude alliára á sua devoção a de muitos nobres e fidalgos da capital, alguns dos quaes — além dos seus donativos — prestaram pelo tempo adiante serviços valiosos ao Sanctuario; obtendo *provisões* reaes que lhe deram realce, e o foram

pouco a pouco emancipando dos liames que o prendiam. Recebendo como feitos a si proprio os favores de todos, e constituindo-se devedor de muitos, ia resgatando sem preterição as dividas, com provas manifestas de seu reconhecimento.

Na mesma occasião, em que enviava para a galeria dos bemfeitores o retrato do *marquez de Marialva,* devido ao pincel de *Sequeira,* enviava com o mesmo destino um grande quadro do mesmo author, dedicado aos *lavradores* e *jornaleiros* — das freguezias proximas do Sanctuario — que carrearam gratuitamente os materiaes para a edificação do TEMPLO. Par a par do nome illustre e tradiccional do generoso juiz, os anonymos e obscuros homens do povo e do campo, não menos illustres por sua devoção e por seus serviços.

Todas as vezes que se ultimava algum dos altares, e sobre elle se punha á veneração a respectiva imagem, enfeitavam-se as capellas, e havia festa no Sanctuario. Concorria o povo e afervorava-se a devoção. Até por occasião de serem collocadas no *Calvario,* que fica por detraz do altar-mór, as figuras de *Gestas* e *Simas,*

das *tres Marias*, do *Centurião* e da *guarda romana,* tudo obra d'um esculptor bracarense (LIII), houve *sermão* e na vespera *fogueiras* e *arraial.*

Não se perdia emfim um pretexto, para que os devotos vissem e contassem como eram bem applicadas as suas esmolas, e quanto ellas eram necessarias para acudir a tantas e tão uteis despezas.

No fim d'alguns annos de sempre crescentes manifestações de piedade, começou de correr a noticia de que o *thesouro* do Sanctuario era rico d'objectos de prata, ouro, e pedras preciosas. Sabia-se que uma senhora legára á Mãe de Christo os seus *brilhantes,* outra da *Senhora Branca* as suas *perolas,* e muitos devotos em cumprimento de *promessas* tinham dado castiçaes, calices e outros objectos de prata. Mais se confirmou a noticia ainda, quando os *devotos de Lisboa* offereceram jarras, bacias e thuribulos de muito valor, e que *D. Diogo de Souza,* vice-rei da India, mandara a magestosa imagem do Redemptor em marfim, que todos admiram, e se venera sob a invocação do *Senhor dos Viajantes.*

Esta publicidade, aliás conveniente aos

*interesses* do Sanctuario, porque servia de estimulo aos brios catholicos, trouxe grandes sustos e grandes perigos.

Uma *quadrilha de ladrões* assaltava por esse tempo, á viva força, as egrejas e capellas mais ricas e ermas da provincia. Todos os dias chegavam noticias de novos desacatos e sacrilegios; e contava o povo com assombro os horrores commettidos por esses salteadores. Já em tempo do arcebispo *D. Gaspar* outra *quadrilha* semilhante infestára a provincia; mas com energicas providencias, auxiliadas por columnas volantes d'infanteria, conseguira o primaz capturar a maior parte d'esses facinorosos, e degradal-os perpetuamente.

Uma noite d'inverno, a nova quadrilha metteu os *barbequins* ás portas do TEMPLO; e teria entrado n'elle, e roubado os vasos sagrados, se por um *acaso providencial* não tivessem ficado n'essa noite — n'um telheiro proximo — alguns pedreiros que costumavam pernoitar em ponto mais afastado da egreja, e não tivessem sentido ali o ruido do *trabalho* dos malfeitores.

A noticia corrêra rapidamente no dia seguinte, e reunira-se logo a meza. Depois de varios alvitres, resolveu que se chapeas-

sem de ferro as portas, gradeassem as janellas, e quatro homens corajosos e fieis ficassem de noite dentro do TEMPLO, convenientemente armados e municiados. Estes homens foram escolhidos d'entre os pedreiros, e augmentou-se-lhes o salario.

Pouco tempo depois, voltava a mesma *quadrilha,* disposta não só ao assalto mas ao combate. Só ao toque dos sinos a rebate, e a tiros de fusilaria, é que se vira forçada a desistir do intento. Reunida de novo a meza, entendeu que o melhor que tinha a fazer, era remover o *thesouro* para logar mais seguro : e obtida permissão dos mezarios da irmandade de *Santa Cruz* na cidade, fizeram conduzir *com toda a publicidade,* para esta egreja de Braga, as *preciosidades* até ali guardadas no templo do Bom Jesus (LIV).

Muitos dos salteadores foram depois mortos pelo povo, e outros condemnados nos tribunaes á forca e a degredo.

Tem os primeiros *Estatutos* da confraria, approvados por *D. Rodrigo de Mou-*

*ra Telles,* a data de 1721; e os segundos, approvados por *D. Fr. Miguel da Madre de Deus,* a de 1822 — quasi um seculo entre uns e outros. E com tudo, logo *dez annos depois* da approvação d'aquelles, entendia a meza que precisavam de alteração — por incompletos e insufficientes.

São frequentissimas, durante estes *cem annos,* as *propostas* para a *reforma,* approvadas em meza e votadas em *juntas d'irmãos.* Mais d'uma vez foi eleita commissão especial para apresentar o *projecto,* e nunca o projecto apparecêra escripto, para ser apreciado e discutido. Os mezarios preferiam, quando a *lettra* ou o *espirito* dos *Estatutos* se oppunha ao seu modo de vêr, convocar uma *junta d'irmãos,* e pedir-lhes authorisação, que quasi sempre obtinham, para *alterarem* e *ampliarem* a unica lei por que se regia a confraria. Estas repetidas concessões justificavam todos os arbitrios; e permittiam ás administrações satisfazerem todos os seus caprichos — nem sempre uteis, nem convenientes aos interesses materiaes e moraes do Sanctuario.

Quando, raras vezes, lavrava discordia funda entre os irmãos e os mezarios—

ou se receavam *subornos e tumultos* na eleição — vinha um *decreto* do arcebispo ou um *Alvará* do rei, demittindo ou reconduzindo a meza — ou no todo ou em parte. Os tempos soffriam isto; mas os meios violentos, que dirimiam as difficuldades de momento, não sanccionavam os actos illegaes: e assim o entendiam em 1822 os que, requerendo a approvação do ordinario, submettendo-lhe o *projecto* approvado em *junta de irmãos,* escreviam convictos, que *sem authoridade, não ha decisões legitimas que obriguem.*

Compunha-se a meza, pelos *Estatutos* velhos que tinham 28 artigos, de *seis membros* apenas; e sem reforma alguma legal, approvada pela authoridade competente, elevára-se com o tempo ao *dôbro* — tendo cada um dos novos mezarios podêres e obrigações distinctas. Pelos novos *Estatutos* vigentes, constantes de 474 artigos, distribuidos por 36 capitulos, são *treze* os membros da meza, e tem legalmente descriminadas as suas attribuições.

N'esse extenso *codigo* estão aproveitadas todas as *lições da experiencia:* e parece-nos na maior parte ainda hoje muito aproveitavel a sua doutrina, com exce-

pção do modo pouco liberal, por que se manda proceder á eleição; e a exclusão — hoje odiosa e sem importancia—que faz de todas as *pessoas que pela sua authoridade, força, respeito e interesse, possam encommodar ao Sanctuario* (LV).

Logo depois d'approvados os novos *Estatutos,* alcançou a meza, em 29 de julho de 1822, um *Alvará* de *D. João VI,* no qual se declarava REAL O SANCTUARIO, e lhe eram concedidas as honras e prerogativas de que gozam as Mizericordias do Reino — tomando-o o monarcha sob a sua immediata protecção.

Esta mercê — que não augmentava as graças espirituaes, mas muito importava á grandeza do Sanctuario — foi recebida com grande contentamento, e commemorada com grandes festas; mandando a meza, no anno seguinte, collocar o *retrato do rei* na galeria dos bemfeitores (LVI).

Para este privilegio, concorrêra a devoção de *Pedro José da Silva,* e a influencia do *Marquez de Marialva,* ainda juiz da confraria — cargo que exercêra até á morte, sendo substituido em 1824 pelo *Duque de Lafões,* apezar da recommendação do artigo 1.º do capitulo 9.º do *Estatuto,*

para que o *juiz seja uma das pessoas mais nobres de Braga.*

Nove annos depois, terminava o juizado do *Duque de Lafões:* e *El-rei D. Miguel I* assignava em 17 d'abril, no paço archiepiscopal de Braga um *termo,* em que se declarava *juiz e protector perpetuo do Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte, e as serenissimas infantas se offereciam para aias* do mesmo Senhor.

E mais tarde, em 10 d'agosto de 1857 —sendo arcebispo de Braga *D. José Joaquim d'Azevedo e Moura*— foi sagrado o TEMPLO do Real Sanctuario com solemne pompa religiosa, e apparatosos festejos publicos no local e na cidade.

As administrações que n'este largo periodo entenderam nos variados negocios do Real Sanctuario, não se tornaram notaveis nem por serviços muito relevantes, nem por negligencias muito censuraveis. Algumas, reeleitas successivamente por juntas d'irmãos pouco concorridas, afrouxaram na actividade, e limitaram-se ao expediente de celebrar com mais ou menos

pompa as festas dos *Estatutos,* e a administrar honestamente os capitaes da confraria. A sã doutrina dos antigos *Estatutos,* recommendando no art. 13, que *pelo menos de dous em dous annos se elegesse quem ainda não tivesse servido cargo algum,* fôra completamente esquecida. Entretanto, como a devoção não diminuia, o Sanctuario prosperava; e alguns melhoramentos foram feitos, que ainda hoje mereceu a approvação geral. Chegou comtudo um tempo, em que a *opinião publica* pedia mais, muito mais: e engrossando de dia para dia subiu até á primeira authoridade do districto, que lhe dera ouvidos e apoio.

O energico e intelligente *marquez de Vallada* (D. José), então governador civil, usando da faculdade que lhe concedia o art. 226 do *Cod. Administrativo,* dissolvia por *Alvará* de 18 de julho de 1877 a meza do Real Sanctuario, e nomeava a *Commissão* (LVII) que a devia substituir até á proxima eleição.

As proficuas consequencias, d'este acto da authoridade, são de sobejo conhecidas felizmente.

Os serviços d'essa *Commissão,* depois eleita administradora por grandissimo nu-

mero de irmãos, e da qual fazia parte, entre outros, um filho de Braga cujo nome— Antonio Brandão Pereira — será sempre repetido com louvor de geração em geração por quantos subirem o monte de Santa Cruz — estão julgados. Conhecem-os os naturaes e estranhos; e uns e outros os gosam e admiram.

O anno de 1877 deve insculpir-se a par das datas mais gloriosas do Real Sanctuario. Os que vierem depois de nós, poderão escrever-lhe a historia com a mesma imparcialidade que nós procuramos.

E não só a historia d'aquella data, mas a d'outras que terão de seguir-se; porque o Bom Jesus ha-de permittir, que se realise atravez dos seculos a profecia do seu *restaurador e reedificador* em 1723:

Nunca faltarão homens nem meios, para o engrandecimento do Sanctuario e da montanha.

# MEZAS ADMINISTRADORAS DO REAL SANCTUARIO

## 1 DE JUNHO DE 1784

Pedro Borges Pacheco Pereira — *Juiz.*
P. Francisco Xavier Ribeiro — *Secretario.*
Dr. João Luiz de Magalhães — *Vedor da fazenda.*
Dr. Manoel Felix de Magalhães — *Vedor das obras.*
Antonio José Duarte de Carvalho — *Thesoureiro.*
João d'Oliveira — *Thesoureiro dos legados.*
Antonio Vieira da Silva — *Mordomo.*
Manoel da Silva (da fabrica de sedas), *idem.*
Antonio José de Moraes — *idem.*
José Antonio Pimenta — *idem.*

## 1 DE JUNHO DE 1884

Dr. José Pereira da Costa Cardozo (Par do Reino) *Juiz.*
Joaquim José Malheiro da Silva (Medico) *Presidente.*
P. Francisco José Duarte Macedo (Professor no Seminario) *Cartorario.*
P. Joaquim Domingues Mariz (Bacharel) (Professor no Seminario) *Secretario.*
P. Antonio José da Silva Corrêa Simões (Bacharel) (idem) *Vigario do culto.*
João d'Oliveira Penha Fortuna (Advogado) *Vedor da fazenda.*
Henrique Carlos Freire d'Andrade (Capitão de artilheria) *Vedor das obras.*
Domingos Pereira d'Azevedo (Negociante) *Thesoureiro da casa.*
Bento Gonçalves Santos (Negociante) *Thesoureiro dos legados.*
Manoel João de Faria (Negociante) *Thesoureiro das esmolas.*
Manoel Gomes da Rocha Graça (Negociante) *Thesoureiro das estampas.*
Antonio Alves dos Santos Costa (Floricultor) *Procurador.*
Joaquim José Fernandes (Proprietario) *Mordomo da egreja.*
José Fernandes Valença (Negociante) *Mordomo das capellas.*

# COMMISSÃO EXECUTIVA

DA

# GRANDE COMMISSÃO PROMOTORA

DOS

# FESTEJOS DO CENTENARIO

PRESIDENTE

D. Antonio José de Freitas Honorato
Arcebispo Primaz.

VICE-PRESIDENTES

Dr. Jeronymo da Cunha Pimentel.
Visconde de Pindella.

SECRETARIOS

Bacharel José Alves de Moura.
Padre Luiz Gomes da Silva.

THESOUREIRO

João Pedro Soares.

# LISTA DOS BEMFEITORES

DO

# REAL SANCTUARIO

## FALLECIDOS DESDE 1860 A 1883

A PRIMEIRA edição das *Memorias do Bom Jesus do Monte,* publicadas em 1844, pelo snr. dr. Diogo Forjaz, traz a lista dos bemfeitores do Real Sanctuario até 1835; importando todos os legados, desde 1663 até aquella data, em 18:487$100 rs.

A maior parte d'elles foram deixados com obrigações, que presentemente absorvem o melhor dos seus rendimentos.

Hoje, damos aqui n'esta *Memoria*—não só como

tributo de gratidão, mas como termo de confronto — os nomes dos que ha 23 annos a esta parte se lembraram, na sua ultima vontade, de concorrer com generosos donativos, não só para o esplendor do culto do Real Sanctuario, senão tambem para embellezamento d'aquelle aprazivel e pittoresco logar.

A maior parte d'estes legados tem sido deixada sem onus alguns.

Sentimos que nos faltasse tempo, para apresentar aqui a galeria completa de todos os bemfeitores; e tanto mais o sentimos, quanto os dignos mezarios nos franquearam todo o archivo da Confraria, onde os livros, escripturas, correspondencias e papeis d'importancia, se encontram devidamente guardados.

Pela lista que segue, na qual são apenas incluidos os bemfeitores fallecidos que legaram ao Real Sanctuario desde 200$000 rs. para cima, vêr-se-ha que da somma de 52:250$000 rs., em que importam os legados abaixo descriptos, apparece a de 34:950$000 rs., legada por portuguezes que viveram uma grande parte da vida em terras do Brazil, ou por lá morreram.

Em todas as obras de caridade, de beneficencia, e de desenvolvimento material e moral — em tudo que civilisa e engrandece Portugal — tem sido e são estes benemeritos e obscuros cidadãos, que vivem a maior parte da vida fóra da patria, e muitos lá dormem o somno eterno, os primeiros entre os mais dedicados obreiros da civilisação.

*Francisco de Faria Pereira da Cruz,* doutor em medicina pela universidade de Pariz, professor de historia e geographia no lyceu de Braga, natural d'esta ci-

dade — falleceu na rua nova de Souza, em fins de 1859. Legou ao Sanctuario 400$000 rs.

*D. Josefa Maria do Carmo,* moradora que foi na rua nova de Souza, onde fallecêra em 3 de maio de 1861, legou 200$000 rs.

*José d'Araujo Braga,* viveu muitos annos no Brazil, e falleceu na sua casa da rua dos Pelames, em 21 d'abril de 1862: legou 400$000 rs.

*Antonio José Gonçalves,* residiu muitos annos no Brazil, e falleceu no largo da Senhora Branca, em 20 de Julho de 1862: legou 400$000 rs.

*Antonio José d'Araujo,* natural da freguezia de Soutello, comarca de Villa Verde: residiu muitos annos no Brazil, e falleceu em 29 d'outubro de 1862, legando reis 200$000.

*Antonio Joaquim Pereira,* natural da Povoa de Lanhozo. Viveu muitos annos no Rio de Janeiro, e falleceu n'esta cidade em 1863, deixando ao Real Sanctuario duas apolices da divida publica brazileira, de 1:000$000 de reis cada uma.

*O reverendo Manoel José Soares,* morador que foi na rua de S. Miguel-o-Anjo, falleceu em 19 de novembro de 1864, legando a quantia de 200$000 rs.

*João Baptista Antunes Guimarães,* morador no largo da Senhora Branca, onde fallecêra em 7 d'Abril de 1865: legou 400$000 rs.

*Felix Coelho d'Araujo Ribeiro,* negociante de pannos e proprietario, fallecido em 12 de fevereiro de 1866, na sua casa do Campo de D. Luiz I: legou 200$000 rs. Este bemfeitor, além do legado, prestou em vida muitos serviços ao Real Sanctuario, não só fazendo parte da sua administração, mas cedendo gratuitamente alguns terrenos para a nova estrada.

*Lourenço Felix d'Araujo Braga,* natural d'esta cicade, falleceu no Rio de Janeiro em 1866 : legou 200$000 reis.

*Manoel José Gonçalves Braga,* natural da freguezia de Soutello ; falleceu no Brazil em 1866, deixando a quantia de 1:000$000 rs.

*Joaquim Pinto Lobo,* natural de Penafiel, falleceu no Rio de Janeiro em 12 de novembro de 1866, legando 3 apolices da divida publica brazileira, de 1:000$000 rs. cada uma—com a condição d'uma missa no anniversario do seu fallecimento, por espaço de 25 annos, findos os quaes caduca a obrigação imposta.

*Manoel José da Costa Pereira,* fallecido em Lisboa em 29 de novembro de 1867 : legou 2:250$000 rs.

*Venancio Cardozo Vianna,* residiu muitos annos no Brazil, e falleceu em 31 de janeiro de 1868 na rua de S. Vicente d'esta cidade: legou 500$000 rs., moeda brazileira.

*Joaquim José Pereira,* natural do concelho de Villa Nova de Cerveira—um dos maiores bemfeitores do Real Sanctuario. Falleceu no Brazil em 10 de maio de 1868, deixando 12:000$000 rs., moeda forte, que foram recebidos com os devidos juros.

*Manoel Joaquim Ferreira Netto*—commendador da Ordem de Christo, natural da freguezia de S. Pedro da Raimunda, grande negociante e grande proprietario na cidade de Santos, imperio do Brazil, onde fallecêra em 1868 : deixou ao Sanctuario a quantia de 15:000$000 rs. moeda brazileira.

*José Fernandes Guimarães,* natural de S. Martinho de Gondomar, fallecido em 1868 : legou 200$000 rs.

*Eugenio Dionisio Mascarenhas Grade,* dr. conselheiro e juiz do supremo tribunal de Justiça, fallecido em Lisboa no mez d'agosto de 1868 : legou 1:000$000 rs.

*João Ribeiro de Faria Trausb*, fallecido a 15 de março de 1869: deixou 200$000 rs. para alfaias do Sanctuario.

*João Caetano Rebello da Silva*, desembargador da camara ecclesiastica, natural d'esta cidade e fallecido na sua casa da rua das Aguas em 1869: legou 200$000 rs.

*João Francisco Parente Vianna*, fallecido em Pernambuco em 1869: legou 200$000 rs.

*José Antonio Fernandes Braga*, fallecido no Rio de Janeiro em 1869: legou 1:000$000 rs., moeda brazileira.

*Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim*, natural da cidade do Porto, e n'ella fallecido em 19 de novembro de 1869: deixou 300$000 rs.

*José Narcizo da Costa Rebello*, conego da sé primaz, commendador da Ordem de Christo, d'esta cidade, e fallecido na sua casa do campo de Sant'Anna em 5 d'outubro de 1870: legou 3:000$000 rs. em inscripções, com a condição d'um officio de dez padres e dez missas annuaes, no dia 27 de fevereiro de cada anno, por alma de seus irmãos o bispo do Porto D. Jeronymo e o barão da Gramoza.

*Antonio José Corrêa*, natural da freguezia de Prado: residiu muitos annos no Pará, e falleceu em 17 de maio de 1871 na rua dos Chãos de Baixo, na hospedaria de Gregorio José Alves da Silva: legou 500$000 rs.

*Antonio José Bernardes*, portuguez fallecido no Rio de Janeiro em 1871: legou 1:000$000 rs.

*Narcizo José Fernandes da Silva Braga*, natural da freguezia de S. Victor d'esta cidade, e fallecido na do Porto em 24 de novembro de 1871: deixou para augmento de capital do Real Sanctuario duas acções do Banco do Minho.

*Reverendo Francisco Barreto Pereira Pimentel*, na-

tural d'esta cidade, e morador na rua do Alcaide, onde fallecêra em 18 de junho de 1872: legou 200$000 rs.

*Antonio José d'Oliveira Machado,* negociante e morador á porta de S. Francisco, onde fallecêra em 3 de junho de 1873: legou 300$000 rs., com obrigação de duas missas annuaes — uma no anniversario do nascimento, e outra, no da morte.

*José Joaquim Pereira Pinheiro,* natural d'esta cidade, e fallecido na do Porto em 6 d'abril de 1875: legou 450$000 rs.

*Antonio Joaquim Wanzeller,* portuguez fallecido na cidade de Santa Catharina (Brazil) em 1875: legou reis 600$000, moeda brazileira.

*Barão da Gramoza,* natural d'esta cidade, fallecido em sua casa no campo de Sant'Anna, em 10 de maio de 1875: legou 1:400$000 rs., com a obrigação d'uma missa annual.

*Reverendo abbade Antonio Joaquim Nunes d'Abreu,* natural d'esta cidade, onde foi reitor do seminario de S. Pedro, e depois abbade da freguezia de Moure, fallecido na sua casa da rua de S. João: legou 200$000 rs.

*José Joaquim Fernandes,* fallecido no campo de Sant'Anna em 1876: legou 400$000 rs.

*D. Maria José Vasconcellos Bastos,* fallecida na sua casa do campo de D. Luiz I, residiu muitos annos no Rio de Janeiro: legou 200$000 rs., com a obrigação de duas missas annuaes—uma por sua alma, e outra, pela de seu marido.

*Domingos José de Carvalho e Silva,* negociante n'esta cidade, e fallecido na rua do Souto em 20 d'outubro de 1876: deixou 200$000 rs.

*Joaquim da Silva Arantes,* commendador da Ordem de Christo, residiu muitos annos no Pará, onde fallecêra em 1876, legando 200$000 rs.

*João Ferro de Lima,* natural do Porto, fallecido em Braga, na rua do Carvalhal em 27 de maio de 1877 : legou ao Sanctuario 4:000$000 rs., sendo 500$000 rs. para fundo, e 3:500$000 rs. para obras, com a condição de quatro missas annuaes.

*Francisco de Sequeira Dias,* natural da freguezia de Sequeira, d'este concelho, fallecido no Rio de Janeiro em 15 de maio de 1878 : legou 1:000$000 rs., moeda brazileira.

*Manoel Moreira,* residiu muitos annos no Brazil: falleceu na cidade do Porto, e legou 300$000 rs., moeda brazileira.

*Antonio Pinto Teixeira,* fallecido em 11 de maio de 1879 : legou 300$000 rs.

*Manoel José Fernandes Pereira,* natural de Ruivães : residiu muitos annos no Brazil, e falleceu na sua casa do campo de Sant Anna : legou 200$000 rs.

*Ignacio João da Silva Porto,* residiu muitos annos no Rio de Janeiro, e falleceu em Lisboa no dia 2 de dezembro de 1880. Além das obras, que fez no Real Sanctuario á sua custa, legou-lhe em testamento 1:000$000 rs.

*Antonio Joaquim da Motta,* residiu muitos annos no Brazil, e falleceu em Braga em 28 d'outubro de 1882, legando 2:000$000 rs.

*Antonio José Dias Machado,* natural do logar do Hospital, freguezia de Sant'Iago de Arcozello, concelho de Villa Verde, viveu muitos annos na provincia de S. Paulo, (*Brazil*): falleceu em 1882, deixando ao Real Sanctuario 1:000$000 rs., moeda forte.

Este bemfeitor já em 1873 havia mandado ao seu virtuoso amigo, e respeitavel sacerdote, *José Luciano Gomes da Costa,* a quantia de 2:000$000 rs. fortes, para aperfeiçoamento da capella da *Elevação da Cruz.*

O seu *retrato*, ao lado d'outro do seu amigo, está na galeria dos bemfeitores.

*Antonio José Dias Machado*, fallecido na cidade de Ouro-preto (*Brazil*) em 9 de dezembro de 1882: deixou para obras 1:000$000 rs.

*Francisco da Silva Carvalho*, natural d'esta cidade, fallecido na sua casa da rua das Palhotas em 27 d'abril de 1883: legou 500$000 rs.

*Antonio Teixeira de A. Guimarães*, fallecido em Lisboa em 20 de maio de 1883: legou 300$000 rs.

*D. Ignacia Miquelina Pedrozo*, fallecida em 6 d'outubro de 1883: legou 300$000 rs.

*Manoel José Marques Braga*, residiu muitos annos no Brazil; e falleceu na rua da Ponte d'esta cidade em 1883, legando a quantia de 500$000 rs., moeda brazileira.

Alem dos legados aqui descriptos, ha ainda dous importantes a liquidar: um, de *Antonio da Silva Marques Braga*, natural d'esta cidade, negociante em Loanda, onde fallecêra em 17 d'abril de 1883, legando a terça de toda a sua herança ao Real Sanctuario; e outro, de *Antonio José da Gama Valle*, grande proprietario n'este concelho e um dos 40 maiores contribuintes d'elle, fallecido na sua casa da rua de Santo André em 2 d'agosto de 1883 — o qual egualmente deixou ao Real Sanctuario a terça parte dos seus bens.

Ha vivos ainda felizmente muitos outros bemfeitores, que tem prestado grandes serviços ao Real Sanctuario, administrando-lhe com zêlo, devoção e intelligencia os

seus negocios, e fazendo ao templo donativos de custosas alfaias—além de concorrerem com sommas importantes para obras, e esplendor do culto.

Mas entendemos que n'este logar nos não deviamos occupar, senão d'aquelles a quem Deus já premiára na eternidade as boas obras, e os actos de virtude e desprendimento que praticaram em vida.

# NOTAS

I. (pag. 17). Dicc. geographico ou noticia historica de todas as cidades, villas, etc. — pelo P. Luiz Cardozo — Tom. 2.º pag. 271 — Lisb. 1751.

II. (pag. 18). *Historia Eccles.* de D. Rodrigo da Cunha — Part. 2.ª pag. 277 — Lisb. 1635.

III. (pag. 20). «... recebeu tantas dignidades quaes nunca teve outro algum homem: porque foi juntamente arcebispo dos dous arcebispados que então havia em Portugal, Braga e Lisboa: bispo d'Evora, Porto, Vizeu, Algarve e Ceuta; teve sete abbadias da Ordem de S. Bento — Tibães, Pombeiro, Rendufe, Torre, S. Romão, Adaúfe e Gondar; seis de S. Bernardo — Alcobaça, Tarouca, Bouro, Ceiça, Fiães, e S. Pedro das Aguias: dez priorados dos Conegos Regulares — Grijó, Banho, S. Jorge, Rôriz, Carámos, Junqueira, Landim, Oliveira, Mancellos e Longovares; oito deados — Braga, Lisboa, Porto, Lamego, Guarda, Vizeu, Silves e o de Burgos, com o seu chantrado. Teve mais um beneficio em Roma na egreja de Santa Maria *Trans Tiberim,* que é titulo de Cardeal de renda, e collação de beneficios. Uma abbadia em Veneza, e outra unica que ha em Navarra. Foi assim mesmo D. Prior de Guimarães, e protector da Universidade de Coimbra. Teve mais, dos bispados em que se costumam prover cardeaes, o Albanense e o Tusculano, o Portuense e o de Santa Rufina. Foi decano do Collegio Apostolico, legado de Veneza e Ferrara. Possuiu mais a Villa d'Arpanica com todas as suas rendas e jurisdicção. Não fazemos menção de muitas egrejas particulares opulentissimas, e d'outros beneficios, que teve n'este reino

Thomé, mulher de Fernão Figueira—fidalgo de renome.

*D. Lucrecia da Guarda* casou na casa dos condes de Linhares, com D. Pedro de Menezes, que depois casára ainda em segundas nupcias. (Historia Genealogica da Casa Real, Tom. V, pag. 265). Este *Pedro,* era filho de D. Antonio de Noronha—filho dos marquezes de Villa-real, D. Pedro e D. Brites, *filha* de D. Fernando II, *duque de Bragança.*

VIII. (pag. 29). Era Gaspar da Costa Pereira de Vilhena um d'elles, homem instruido e de variados conhecimentos, pae do sr. Antonio Luiz da Costa Pereira de Vilhena: —d'aquelle, se occupa o Dicc. Bibliographico de Innocencio F. da Silva, no Tom. III, dando-o nascido em 1779; o que é evidentemente lapso, embora não corregido no fim do volume. A data do nascimento é a de 10 d'agosto de 1799; e a da morte, 14 d'agosto de 1878.

Era o outro o pae do sr. Bento Miguel Leite Pereira, de que era o nome Antonio Jose Leite Pereira.

IX. (pag. 32). Esta capella foi edificada em 1506 no arcebispado de D. Diogo de Souza, e demolida a pedido dos padres Congregados em 1768, sendo arcebispo D. Gaspar, filho natural de D. João V. Em volta da demolida capella estavam muitos dos cippos romanos, que hoje se veem no Campo das Carvalheiras, e alguns d'elles de muito valor archeologico, referentes a Caio Julio Vero Maximino e Flavio Magnencio *(Professor Pereira Caldas,* Programm. das Conferenc. Familiar. na Soc. Democrat. Bracar., iniciadas em 8 d'abril de 1872, por solicitação especial do Director o sr. Manoel Joaquim Gomes—um dos mais prestantes cidadãos de Braga, e mais dedicado por actividade e intelligencia á iniciativa dos melhoramentos uteis e civilisadores.

X. (pag. 32). Ao lado direito da porta d'esta capella estavam mettidas na parede as armas de D. Jorge da

Costa, que são a roda de Santa Catharina, e ao esquerdo um outro escudo com uma corda enrolada, cercada da inscripção — *Justum deduxit Dominus per vias rectas.* Ambas estas pedras foram conduzidas para casa de Duarte Mendes de Vasconcellos, parente proximo do arcebispo. (Dicc. geogr. do P. Cardozo, Lisb. 1751, Tom. II, pag. 264).

Era Duarte Mendes de Vasconcellos o 8.º avô da snr.ª D. Angelica A. da Costa Vasconcellos Pimentel: e ainda hoje se veem sobre o portal da mesma casa, que dá para a nova rua de D. Fr. Caetano Brandão, pertencente á mesma ex.ma snr.ª D. Angelica — 10.ª neta do insigne prelado, casada com o snr. Jeronymo da Cunha Pimentel, actual governador civil de Braga, 11.º sobrinho de D. Catharina da Costa, irmã do mesmo cardeal, casada com Pero d'Albuquerque da Cunha, irmão do conde de Peñamacor.

XI. (pag. 42). Acclamação de D. João IV em Braga em 1640 — *Noticia historica* pelo Professor Pereira Caldas, pag. 7 — Braga, 1879.

No tom. X. do *Diccion. Bibliographico,* na pag. 43, faz-se menção d'esta *noticia*; mas por lapso foram supprimidas no titulo as palavras — *em Braga* — o que altera os intuitos da publicação.

XII. (pag. 43). Livro dos accordãos da Camara — fl. 139 v. sessão de 11 de dezembro de 1640. Assignados o juiz de fóra dr. Francisco Lopes da Rocha, Pedro Machado, procurador da cidade, Miguel Pinto Pimenta, Luciano Fonseca Coutinho, e Francisco de Paiva Brandão—sargento mór de Braga e fidalgo da Casa Real, oitavo avô paterno do sr. dr. João de Paiva Leite Faria Brandão — actual digno secretario geral do Governo Civil de Braga — e do 1.º filho d'esta cidade, doutorado em philosophia pela Universidade de Coimbra, Adriano de Paiva, depois da reforma da Universidade.

XIII. (pag. 44). Na parte 1.ª da *Restauração prodigiosa*, por Fr. João de Vasconcellos, Lisb. 1643, pag. 139, obra já hoje rara, vem copiada uma carta escripta da prisão em 31 de julho de 1641 pelo arcebispo, a D. João IV, no qual confessa o crime e pede perdão, *não para elle que o não merece, mas para tres ou quatro cumplices que não tiveram outra culpa, senão fazer o que elle lhes ordenára*. Sahiu esta obra com o pseudonymo de Gregorio d'Almeida.

XIV. (pag. 44). Este curiosissimo sermão, perfeita proclamação contra Castella, vem a pag. 441 da *Divindade de Deus Humanado*, obra do mesmo frade, publicada em Lisboa em 1645, onde são nomeadas muitas pessoas que, sob juramento, affirmam ser aquelle sermão o mesmo que em 1638 prégára o audacioso frade franciscano, então guardião do convento de Guimarães — *esperançado na protecção do ceu*.

XV. (pag. 44). *Relação de tudo quanto se passou na felice acclamação de D. João IV*, pelo P. Nicolau da Maia, Lisb. 1641, pag. 24, e n'outras *Relações* do tempo.

XVI. (pag. 45). Este curioso auto, assim como o rol das testimunhas, vem a pag. 323 da *Restauração de Portugal* acima citada (XII) : e acha-se reproduzido por *Silva Caldas* (Ant. Per.), n'um opusculo aqui impresso em Braga, 1879—omisso no *Dicc. Bibliogr.*, Tom. X, depois do n.º 94, allusivo ao *irmão* do *auctor* (Not. XI).

XVII. (pag. 48) *Appendice á descripção do Sanctuario*, mss., fl. 82 v.; e *Memorias de Braga*, mss. de Ignacio J. Peixoto.

Nas apreciaveis *Memorias* do snr. Diogo Forjaz, lê-se na edic. de 1883, pag. 116, por evidente lapso, alterada esta data para a de 1608 a 1610.

Por outro egual lapso, chama-se ali, ao author da *Hist. Eccles.*, D. Rodrigo de Moura Telles, (pag. 115); e

ahi mesmo, e mais a pag. 36, marca-se a data da fundação da ermida em 1474: o que são evidentemente lapsos, embora não corregidos no fim do volume, onde aliás se encontra uma Taboa minuciosa de correcções e addicções. — Em 1473 era arcebispo de Braga D. Luiz Pires.

XVIII. (pag. 51). *Memorias de Braga* — (só para meus filhos lerem) — MSS. por Ignacio José Peixoto.

Ainda um dia tiraremos d'estas *memorias* intimas, verdadeiro *Diario* da Braga antiga, factos curiosissimos que andam mui deturpados, com outros completamente desconhecidos: e alguns temos já trazido a lume no *Constituinte*, bi-semanario d'esta cidade, começado em 17 de julho de 1880.

XIX. (pag. 51). *Non litiges cum homine potente, ne forte incidas in manus illius: non contendas cum viro locuplete, ne forte contra te constituat litem tibi.* Cap. 8.º, versic. 1.º e 2.º

XX. (pag. 60). A continuação do fôro de duas gallinhas que já recebia, e mais trezentos reis para o vigario da freguezia, e a escolha de ermitão n'uma lista triplice, que seria apresentada pela meza.

XXI. (pag. 61). Esta declaração foi reduzida a instrumento publico, julgada por sentença em 4 de agosto de 1724, e confirmada pela Santa Sé em 4 de setembro do mesmo anno.

XXII. (pag. 61). No *Epit. da vida* de D. Rodr. de M. Telles, por Boaventura Maciel Aranha, no seu livro *Cuidados da vida* e *descuidos da morte*, pag. 696, diz o author, filho de Braga — *que perguntando o arcebispo que horas eram, e como lhe respondessem* — 9 ou 10 — atalhára o prelado — «ainda é cedo», e *batendo as 11 falleceu.*

XXIII. (pag. 62). Dizia a inscripção: — *Crucifixo Domino Sacratum hoc templum Posteritati comendat, et animam suam Illustrissimus Dominus Rodericus a Mou-*

*ra Telles, Archiepiscopus Bracharensis, Hispaniarum Primaz, anno Domini Nostri Jesu Christi MDCCXXV.*

XXIV. (pag. 62). Joaquim da Motta Cardozo, professo na Ordem de Christo, conego da sé primaz, e transferido para abbade de S. Pedro de Maximinos. Morreu com 87 annos de edade em 11 de maio de 1865, tendo servido de presidente da meza do Sanctuario por espaço de 31 annos. Era thio materno do sr. Bento Miguel Leite Pereira.

XXV. (pag. 63). *Descripção* mss. do *Bom Jesus do Monte*, pertencente ao archivo, fl. 44.

XXVI. (pag. 76). *Ignacio J. Peixoto, Memorias mss.*

XXVII. (pag. 81). Eram seus parentes os srs. Bispo do Porto D. Jeronymo, Barão da Gramoza, e conego José Narcizo da Costa Rebello — todos bemfeitores do Sanctuario. Ainda vive o sr. visconde da Gramoza, desembargador aposentado, egualmente parente, cavalheiro muito respeitado pelos seus actos de caridade, e que de certo continuará as tradições d'aquella illustre familia.

XXVIII. (pag. 81). Intitula-se este livro *Descripção topographica e historica da cidade do Porto*, 8.º gr., de XLII — 374 pag. e 6 inn. de index. Porto, por *Antonio Alvares Ribeiro*, 1789. — É obra cheia d'estatisticas e noticias curiosas.

XXIX. (pag. 87). O fausto com que viveu o arcebispo D. Gaspar, pode ser avaliado pelo inventario a que se procedeu á sua morte, e na louvação do seu espolio. Ahi são avaliados por seus nomes 46 cavallos e machos das suas carruagens e comitiva. Este inventario, a muitos respeitos curioso, possue-o aqui no *original* o sr. Manoel Marques da Silva Pereira — medico-cirurgico, morador na rua dos Pelames.

XXX. (pag. 87). Fr. Luiz de Souza, na *Vida do arcebispo*, liv. II, cap. 28, fl. 96 v., na edic. de 1619.

XXXI. (pag. 89). Boaventura Maciel Aranha, banqueiro de *lettras romanas,* foi escriptor notavel e de muita erudição sagrada. Escreveu muitos volumes. Deixou incompleta a sua obra principal — um *Flos Sanctorum* que devia constar de 8 volumes *in-folio*. D'esta saiu apenas o 1.º tomo em 1761 em Lisb., com 906 pag. O author do *Dicc. Bibliogr.* dá-o nascido em *Darque:* no entanto elle mesmo no rosto da sua obra — *Cuidados da morte e descuidos da vida,* se diz — da *cidade de Braga.* — Foi pae de Francisco Ventura Maciel Aranha, bacharel em leis e canones, professo na Ordem de Christo, e cavalleiro fidalgo da Casa Real. Teve carta de brazão de armas em 10 d'agosto de 1791; e representa-o hoje n'esta cidade a sr.ª D. Joaquina Josefa da Esperança d'Azevedo Araujo e Gama, da casa — Gato bravo — do Campo da Vinha, e mãe do sr. Joaquim Loureiro, intelligente empregado no Banco do Minho.

XXXII. (pag. 91). Termo de meza em 7 de novembro de 1773, fl. 36 v.

XXXIII. (pag. 92). É elle mesmo, que nas suas *Memomorias* se dá por author do programma, e accrescenta: *nunca n'estas solemnidades pude negar a minha força de genio para o magnifico e pomposo entre o pio e o modesto.*

XXXIV. (pag. 97). Nos n.os 278, 279 e 285 do bi-semanario o *Constituinte,* publicamos na integra a descripção d'esta pomposa procissão. No archivo do Bom Jesus ha uma relação d'ella, perfeitamente egual á que possuimos, e inedita até aquella data de 1883.

XXXV. (pag. 116). D'este illustre bracarense, existe ainda vivo um neto, o sr. conselheiro José Borges Pacheco Pereira, espirito culto e caracter honestissimo, ex-governador civil, e author de varias obras dramaticas, poeticas e sociaes. São bisnetos de Pedro Borges, os srs. José Borges de Faria, bacharel formado, senhor da Casa

das Hortas, actual presidente da camara municipal de Braga, solicito no empreendimento d'obras, e deputado ás cortes pelo circulo de Espozende; e seus irmãos Duarte Pacheco e João Borges.

XXXVI. (pag. 116). José Calheiros de Magalhães e Andrade, natural de Braga, formado em medicina, traduziu e publicou em 1787 as *Regras das sinco (sic) ordens de architectura* de Vignola. Foi desenhador muito apreciado.

XXXVII. (pag. 117). «Em 1784, *anno bis-sexto* começado á *quinta feira*, eram *indices calendaristicos* os seguintes:

| | | | |
|---|---|---|---|
| Aureo numero..... | 18 | Indicção romana..... | 2 |
| Epacta..... | VII | Lettra dominical..... | DC |
| Cyclo solar..... | 1 | Lettra martyrologica... | g |

Cahiu á TERÇA FEIRA o dia *1 de junho* — sendo então a 2.ª *oitava* do ESPIRITO SANCTO, como festividade cahida em *30 de maio* — dia inicial das *festas* agora.

A *Paschua* tinha cahido em *11 d'abril* — tendo caido o *plenilunio médio paschal* em 4 do *mesmo mez*, ás 6 horas da tarde. — A *lua quatorzena*, reguladora do *dia paschal*, correspondeu então ao dia 6.

No *calendario ante-gregoriano* — findo em 4 d'outubro de 1582, com o começo do *computo-novo* do *Papa Gregorio XIII* — correspondia então a *lua quatorzena* a *29 de maio* — e a *Paschua* por conseguinte a 31 do *mesmo mez* — com a *lettra dominical* G F».

*Pereira Caldas.*

— A este distinctissimo professor bracarense, e escriptor conhecido dentro e fóra do reino, deve o author d'esta *Memoria* valiosissimos favores, que folga deixar aqui relembrados e agradecidos. Além da revisão das

provas typographicas, e além de conselhos sempre seguidos, com elle se achou exclusivamente no *archivo da camara ecclesiastica*, na *secretaria e deposito dos livros findos*, no archivo d'algumas parochias, na fastidiosa tarefa de encontrar apontamentos, indicações, datas de nascimento, casamento e mortes, indispensaveis para dar a este pequeno livro — *escripto, composto, impresso* e *broxado em poucas semanas*, algum merecimento que d'outra fórma não teria, nem poderia ter.

XXXVIII. (pag. 117). Pedro Paulo de Barros Pereira foi natural de Leiria, arcediago de Olivença, e um dos sacerdotes mais qualificados por sciencia e virtudes, que então residiam em Braga.

XXXIX. (pag. 120). Esta estatua equestre, feita d'uma pedra só, foi offertada pelo bacharel Luiz José de Castro Gomes do Couto, do Pico dos Regalados, em 1819, mas só em 1821 levantada no logar em que a vemos. O que a meza determinou em janeiro de 1822, foi mandal-a *pintar a oleo*, e *dourar os arreios e freio do cavallo, e a lança do cavalleiro*. Do bacharel Luiz de Castro, era parente proximo João d'Abreu, residente n'esta cidade, e ha pouco fallecido na sua casa do Pico dos Regalados.

XL. (pag. 120). Em 1766, Manoel Rebello da Costa offereceu os sinos para a torre velha, que estava edificada ao lado da egreja, sobre o rochedo onde hoje se vê a estatua do *Longuinhos*. Esses sinos, que tem o seu nome, estão hoje na torre do sul do templo.

XLI. (pag. 122). Livro dos *nascimentos e baptisados* de S. José de S. Lazaro, (Arch. dos Liv. findos).

XLII. (pag. 123). *Liv. dos obitos* da freguezia de S. João do Souto, de 1773-1801, fl. 153.

XLIII. (pag. 123). De tres modos apparece escripto o nome da espoza de C. Amarante. O sr. Forjaz, nas *Memorias do Senhor do Monte*, chama-lhe (pag. 50) *Luiza*

*Lopes*: nos livros dos *casamentos* da freguezia de S. Victor de 1751-1781, fl. 122 v., lê-se *Luiza Thereza*; e no *termo* de 26 de maio de 1789—Livro 3.º, fl. 47—da meza do Bom Jesus, em que fôra proposta para *irmã remida*, assim como seu marido, chama-se-lhe *Luiza Clara Xavier*.

XLIV. (pag. 123) Possuimos n'um livro mss., que tem por titulo *Memorias da Santa Egreja de Cedofeita*, por «Manoel Silvestre Ferreira», uma elegante portada contendo as *armas* da Collegiada, desenhadas por *Amarante* em 1765, tendo 17 annos.

XLV. (pag. 124). Foi nomeado em 24 d'abril de 1783. —Liv. dos *Titulos d'Officios*, fl. 165. (*Arch. da Camara Ecclesiastica*).

XLVI. (pag. 124). Em carta de 9 de maio de 1884, diz-nos o distincto engenheiro *Tito de Noronha*, que possue de *C. Amarante* cinco desenhos do—*Projecto do Arsenal Real do exercito, que se pertende edificar n'esta cidade do Porto, delineado e desenhado pelo capitão do Real Corpo d'Engenheiros, Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante, no anno 1806*».

Sob o risco e direcção de *C. Amarante*, se construira em Braga, entre outras, a frontaria da egreja e convento do *Populo*, e a da egreja do Hospital de S. Marcos. No Porto, a *Academia das Bellas Artes*, a egreja da *Trindade*, e a famosa ponte das barcas que tanta fama lhe grangeou: e o grandioso projecto d'uma ponte de pedra n'um só arco, sobre o Douro, firmada nos rochedos das Fontainhas e Serra.

XLVII. (pag. 126). Eram segundos sobrinhos de *C. Amarante* os malogrados talentos de *Joaquim Januario de S. Torres e Almeida*, antigo deputado, ajudante do Procurador geral da Corôa, fallecido em 20 de março de 1869—filho do distincto advogado d'esta cidade o con-

selheiro Francisco X. de S. Torres e Almeida, que ainda vive — e de *João Joaquim d'Almeida Braga,* poeta e escriptor mistico muito apreciado, fallecido em 11 de fevereiro de 1871. Um neto d'aquelle distincto advogado, e 3.º sobrinho d'*Amarante,* Carlos Braga, frequenta a Universidade — com creditos que lhe agouram um futuro brilhante.

XLVIII. (pag. 126). Termos de 4 de novembro de 1812 e 5 d'outubro de 1815.

XLIX. (pag. 130. Termos de 23 d'agosto e 15 d'outubro de 1786, fl. 5 e 8 do L. 3.º

L. (pag. 131). Termo de 9 d'outubro de 1787.

LI. (pag. 133). Termos de meza de 17 d'abril de 1802, 28 d'agosto de 1802, 5 d'outubro de 1802, 10 de novembro de 1802, 20 d'agosto de 1803, 15 d'abril de 1804, etc., etc., etc.

LII. (pag. 137). D'este benemerito cidadão, é parente o filho do sr. commendador José Joaquim Soares Russel —Alfredo Soares Russel.

LIII. (pag. 144). Todas as figuras mencionadas no texto foram feitas por José Monteiro da Rocha, pela quantia de 432$000 rs., sendo pagas dez por Pedro José da Silva.

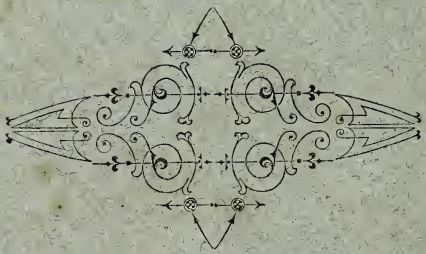
LIV. (pag. 146). Termos de 28 de novembro ne 1817, 3 d'outubro de 1818, 20 d'abril de 1819, e 22 de novembro de 1822.

LV. (pag. 149). Art. 9.º do cap. I.

LVI. (pag. 149). Pintou este retrato em 1823 um pintor bracarense, de nome *Antonio José Pereira,* pelo que recebeu 20$000 rs. — termo de 15 de maio de 1823.

LVII. pag. 151):

José Maria Rodrigues de Carvalho, *bacharel formado.*
Antonio Brandão Pereira, *bacharel formado.*
Antonio Maria Pinheiro Torres e Almeida, *medico.*

Manoel da Conceição da Costa e Silva, *vigario geral e bacharel formado.*
Nicolau Barata de Mello Marinho Falcão, *bacharel formado.*
Manoel José d'Oliveira Guimarães, *abbade de Maximinos, bacharel formado.*
Joaquim Alves Matheus, *conego e bacharel formado.*
Bento Miguel Leite Pereira, *proprietario.*
João Carlos Pereira Lobato d'Azevedo, *bacharel formado.*
Antonio Cerqueira d'Amorim, *proprietario.*
Visconde de Negrellos, *proprietario.*
João Antonio da Silva Pereira, *proprietario.*
João Augusto da Cunha, *negociante.*
Fulgencio José da Costa Guimarães, *proprietario.*

Reservam-se os direitos de propriedade — no paiz e no extrangeiro — na conformidade das leis respectivas.